

ILUSTRAÇÃO

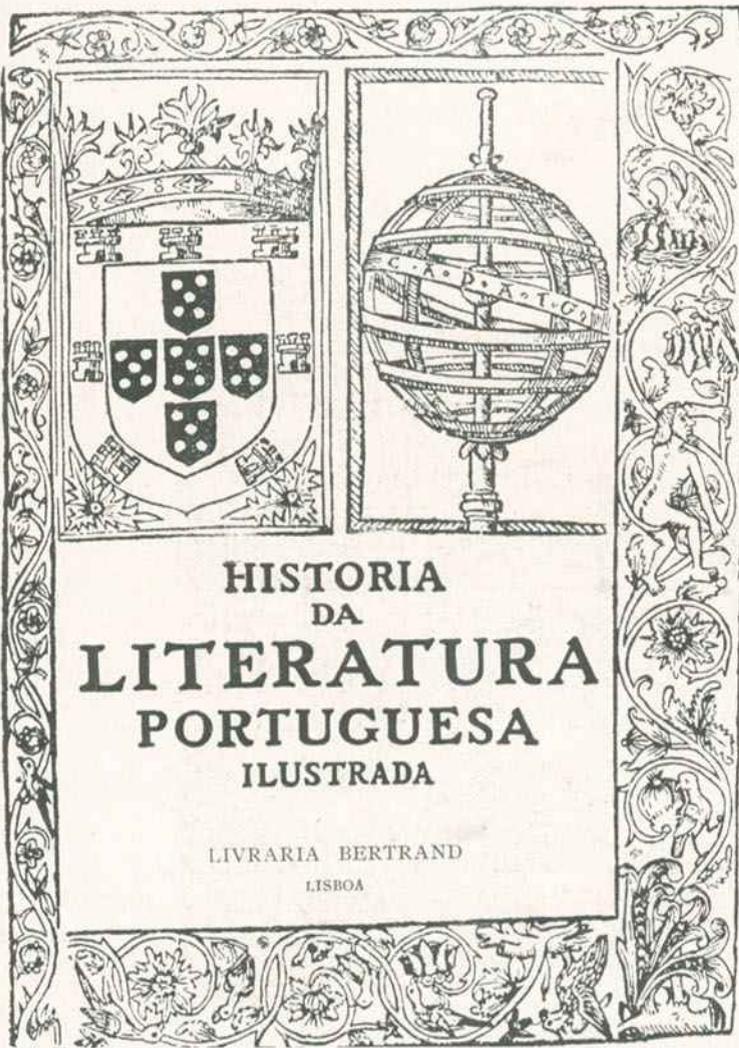
1 - Junho - 1932

N.º 11 - 7.º Ano

Preço - 5 esc.



COLUMBANO — SANTO ANTÓNIO DE LISBOA
MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA



HISTORIA
DA
**LITERATURA
PORTUGUESA**
ILUSTRADA

LIVRARIA BERTRAND
LISBOA

A sair brevemente o XXXVI tomo
A MAIS BELA OBRA ATÉ HOJE
EDITADA EM PORTUGAL

PREÇOS INCLUINDO EMBALAGENS REFORÇADAS

CONTINENTE E ILHAS

Assinatura especial de cada número saído mensalmente e pelo correio contra o reembolso (só para o continente e ilhas) 11\$50

	3 meses	6 meses	1 ano
Assinatura (pagamento adiantado)	30\$00	59\$00	118\$00

REGISTADO

ÁFRICA ORIENTAL, OCIDENTAL E ESPANHA	34\$50	67\$00	132\$00
ÍNDIA, MACAU E TIMOR	36\$00	79\$00	138\$00
ESTRANGEIRO	37\$00	72\$00	142\$00
Cada tomo avulso, não incluindo porte e embalagem			10\$00

HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DE
ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO
Da Academia das Ciências de Lisboa

ALGUNS DOS PRINCIPAIS COLABORADORES

- AFONSO LOPES VIEIRA, escritor.
AFONSO DE DORNELAS, da Academia das Ciências de Lisboa.
AGOSTINHO DE CAMPOS, da Academia das Ciências, professor.
AGOSTINHO FORTES, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
ALVARO NEVES, escritor, Conservador da Biblioteca do Congresso da República.
ANTÓNIO BAÍÃO, da Academia das Ciências, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
AUGUSTO GIL, da Academia das Ciências, director geral das Belas Artes.
BRITO CAMACHO, escritor.
CARLOS MALHEIRO DIAS, da Academia das Ciências, escritor, director da História da Colonização do Brasil.
CRISTOVÃO AIRES, secretário geral da Academia das Ciências de Lisboa.
CORREIO DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa.
EUGENIO DE CASTRO, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA, da Academia das Ciências, director do Arquivo Histórico Militar.
GUALDINO GOMES, director interino da Biblioteca Nacional de Lisboa.
HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Escola de Belas Artes.
HENRIQUE DE VILHENA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, director do Instituto de Anatomia.
JOÃO DE BARROS, da Academia das Ciências de Lisboa, director geral da Instrução Primária, professor.
JOÃO LÚCIO DE AZEVEDO, da Academia das Ciências de Lisboa.
JOAQUIM DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras, director da Biblioteca e Administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra.
JOAQUIM LEITÃO, da Academia das Ciências de Lisboa.
JORDÃO DE FREITAS, director da Biblioteca da Ajuda-Lisboa.
JOSÉ DE FIGUEIREDO, da Academia das Ciências, director do Museu Nacional de Arte Antiga.
JOSÉ JOAQUIM NUNES, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, da Academia de Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, director do Museu Ethnológico.
JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA SIMÕES, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo professor da Escola de Guerra.
JOSÉ MARIA RODRIGUES, da Academia das Ciências, professor de estudos camoneanos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JÚLIO DANTAS, Presidente da Classe de Letras da Academia das Ciências, Inspector das Bibliotecas e Arquivos Nacionais, Director da Escola de Arte de Representar.
LUÍS XAVIER DA COSTA, da Academia das Ciências de Lisboa, Presidente da Associação dos Arqueólogos.
MANUEL DE OLIVEIRA RAMOS, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
MANUEL DA SILVA GATO, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo Secretário Geral da Universidade de Coimbra.
MARTINHO AUGUSTO DA FONSECA, da Academia das Ciências de Lisboa.
MOSES BENBARAT AMZALACK, da Academia das Ciências de Lisboa, professor do Instituto Superior do Comércio de Lisboa.
P. M. LARANJO CORREIO, da Academia das Ciências de Lisboa, Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Director da Secção de Diplomática da Associação dos Arqueólogos.
QUEIROZ VELLOSO, da Academia das Ciências de Lisboa, Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
REINALDO DOS SANTOS, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.
RICARDO JORGE, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Director Geral da Saúde Pública.
S. COSTA SANTOS, escritor.

EDIÇÃO MONUMENTAL

A HISTORIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

(FORMATO 32x25)

EM TOMOS MENSAIS DE 32 PAGINAS,
ÓTIMO PAPEL COUCHÉ,
MAGNIFICAMENTE ILUSTRADOS

E CONTRA

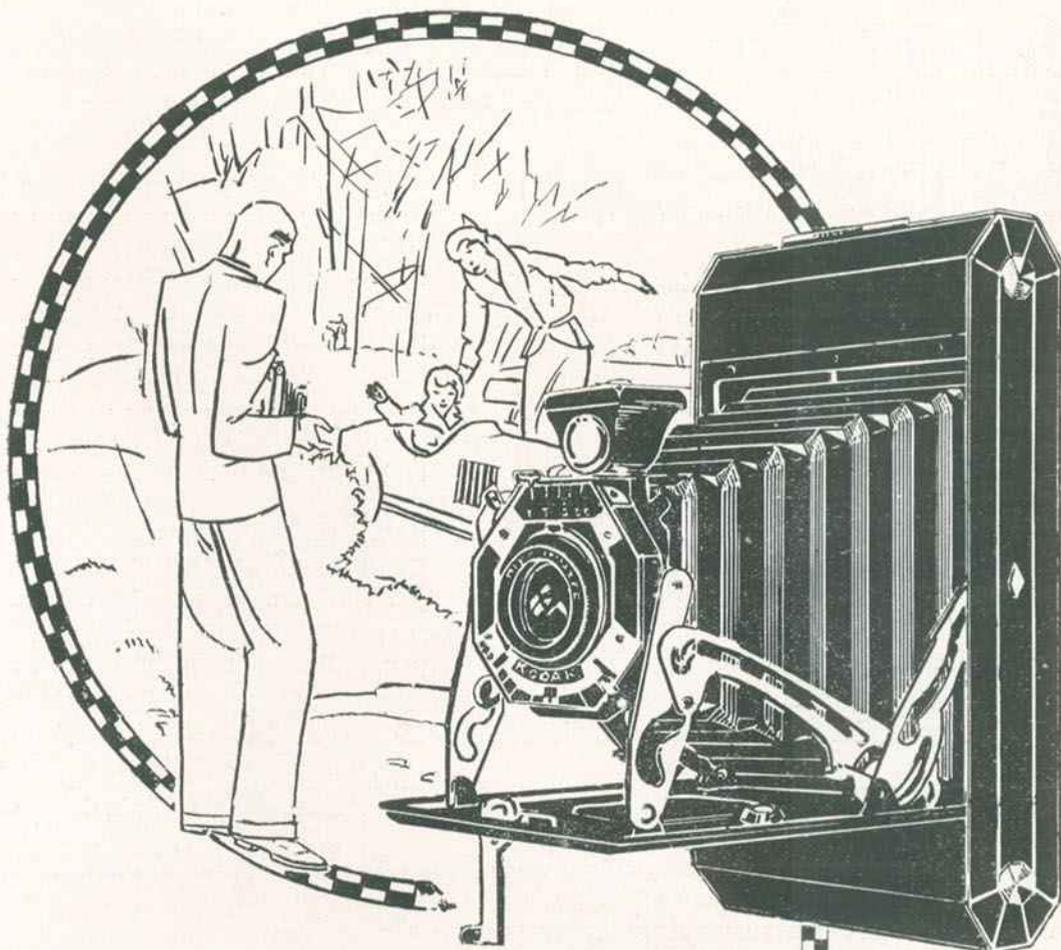
biografias completas, retratos, vistas, costumes, monumentos, rostos de edições raras, manuscritos, miniaturas e fac-símiles de autógrafos, em soberbas gravuras, algumas das quais *HORS TEXTE*, a côres.

CONSTITUINDO

um precioso album em que pela primeira vez, entre nós, se reúne uma tão completa e curiosíssima documentação gráfica.

ARTIGOS DE ESPECIALISADOS PROFESSORES E LITERATOS DE NOME CONSAGRADO

CADA TOMO 10\$00



Uma grande novidade Kodak

Modernismo... é a nota saliente do novo «Kodak» — absolutamente ao gosto da época na elegância rectilínea das suas linhas, na sobria originalidade das suas decorações.

Mas o «Kodak» Six-20 é também moderno nos aperfeiçoamentos que o tornam um aparelho cómodo, de reduzido volume e... principalmente, duma admirável simplicidade de manejó.

Como é rápido o seu funcionamento! Como são nítidas as suas fotografias, obtidas tão facilmente, mesmo por aqueles que façam pela primeira vez uso dum «Kodak»! Vá hoje mesmo a qualquer boa casa de artigos fotográficos e peça para ver o

“Kodak” Six-20



*De manhã... ou á tarde...
Com sol... ou á sombra...
Mesmo em dias de chuva...*

use Pelicula Verichrome
Fabricada exclusivamente por «Kodak»

KODAK, LTD. — Rua Garrett, 33 — LISBOA

Contos, Novelas e Romances

Amor e o Tempo (O) por Dr. Augusto de Castro	15\$00	Homem dos Dois Corações (O) por Rocha Martins	3\$00
Art.º 438.º (O) por D. Carmen de Burgos, tradu- ção de Lopes de Sousa	3\$00	Matou por Amor (A que) por D. Emilia de Sousa Costa	3\$00
Cinco Mil Francos por Mês por Reinaldo Ferreira	3\$00	Minha Mulher por W. Fernandes Flores	3\$00
Colecção "Diário de Notícias" por diversos autores	7\$50	Mort de D. Juan (La) por Paulo Osório	8\$00
Drama na Sombra (O) por Ferreira de Castro	3\$00	Noite de Núpcias por Lourenço Cayola	3\$00
Ele e Eu por Augusto Pinto	5\$00	Ruínas por D. Helena de Aragão	8\$00
Fumo dos Casais por D. Maria da Nobrega	10\$00	Sombras e Claridades por D. Helena de Aragão	8\$00
		Veneno do Sol (O) por D. Fernanda de Castro	10\$00

À venda na filial do **DIÁRIO DE NOTÍCIAS**

LARGO DE TRINDADE COELHO, 10 e 11

BIBLIOTECA DOS PEQUENINOS

Acaba de aparecer

"O Tesouro da Casa Amarela"

Por **D. FERNANDA DE CASTRO**

Formoso livro de 132 páginas, em que a autora faz esplêndido
featro infantil

- | | |
|--|---------------------------------|
| 1.º — <i>O Tesouro da Casa Amarela</i> | 3.º — <i>O Az dos Caçadores</i> |
| 2.º — <i>As Borbuletas e o Bicho de Seda</i> | 4.º — <i>A Recompensa</i> |
| 5.º — <i>O Estrangeiro e o Portuguesinho</i> | |

PREÇO: 5\$00

À venda na filial do "Diário de Notícias"

LARGO TRINDADE COELHO, 10 e 11

e em todas as livrarias

Novidade Sensacional
Com o PENTE ONDULADOR transforme os seus cabelos lisos em naturalmente ondulados para toda a vida!

Uma maneira geral procedente da seguinte forma: Lavam-se os cabelos e secan-se pouco; depois de desentbaraçados com um pente apropriado (descamburamentado), penteam-se com a cabeça alçada, húmida, com o PENTE ONDULADOR, de forma que as ondas do pente sejam dirigidas para o exterior. Fazer deslizar o pente através dos cabelos na posição indicada circa de 10 a 15 vezes, e assim se obtém uma linda ondulação para sempre.

PEIGNE ONDULATEUR
 V.I.E.N.A.

Preço Esc. 15\$00

Exclusivo de venda:
 ACADEMIA SCIENTIFICA
 D. E. B. E. L. E. Z. A.
 M. CAMPOS
 Av. da Liberdade,
 35 - LISBOA

Desinfecte e perfume a sua casa com **Sapoforme**

À venda em todas as boas drogas

Exemplares da **Ilustração n.º 96**
 Compram-se na administração desta Revista
Rua Anchieta, 31.1.º

BOA SAUDE LONGA VIDA

UMA BELLA LINHA DE SAUDE

Vós tendes uma excelente saude. Desconfiei portanto das pequenas doenças que degeram depressa em graves enfermidades. As vossas digestões são pesadas, o vosso fígado preguiçoso, o vosso intestino é rebelde? Não esperéis um só instante para começar a tratar a vossa linha de saude. Velai por ela. Tomai regularmente Eno's "Fruit Salt", que é um po efervescente, sem assucar, sem sal mineral purgativo, Eno poe-nos ao abrigo das caimbras, nauseas, peso no estomago, vertigens, enxaquecas e da horrivel prisão de ventre e da-vos o meio mais eficaz de poderdes guardar durante longos anos, saude, felicidade, actividade.

Uma colher, das de café, num copo de agua, pela manhã, e à noite.

SAL DE FRUCTA ENO "FRUIT SALT"

Depositarios em Portugal: **Robinson, Bardsley & Co, Ltd.**
 8, Caes do Sodré, LISBOA.

Fóra com as dôres!
CAFIASPIRINA

livra de dôres
 e restabelece
 o bem estar.



Este medicamento é realmente bom, antes de mais nada pela ausência de efeitos secundarios!

Não prejudica o coração nem os rins!

ROBBIALAC

ESMALTE DE SECA RAPIDA

Mobilia De Verga E De Jardim

As cadeiras e as mezas em verga, especialmente quando usadas nos jardins ou varandas, deterioram-se muito facilmente desde que não estejam bem protegidas.

Esta protecção é porem facilima de obter cobrindo estes moveis com uma demão de ROBBIALAC DE SECA RAPIDA, pois este Esmalte escorre como um creme e os vestigios da trincha desaparecem à medida que se vae pintando.

Quando V. Exa estiver a trabalhar sobre moveis de jardim não perca a oportunidade de empregar os tons mais alegres e brilhantes do ROBBIALAC.

O ROBBIALAC seca rapidamente, é um Esmalte à prova da agua e do tempo, não estala, não empola, não greta.

É fornecido pelo seu droguista em branco, preto e varias lindas cores.



SOCIEDADE ROBBIALAC LIMITADA,
 Rua Novado Carvalho,
 15, 1.º LISBOA

FRIGIDAIRE

The QUIET Automatic Refrigerator



FRIGIDAIRE

Representa o que de mais prático, seguro, eficiente e económico actualmente se oferece em matéria de refrigeração automática para o lar moderno, com uma magnificência inconfundível.

Armários de aço esmaltados a porcelana branca, com interiores à prova de ácido, durabilidade extrema, amplo espaço para armazenagem e prateleiras permitindo guardar-se facilmente grande quantidade de alimentos.

O «acelerador de frio» e o «hydrator» de que vão munidos os armários são duas características de inestimável valor, que completam a eficiência de «FRIGIDAIRE».

O «acelerador de frio», patente «FRIGIDAIRE», é um dispositivo especial que abrevia a fabricação dos cubitos de gelo, ou a confecção duma salada ou sobremesa gelada. Vai colocado

no exterior do armário numa posição muito cómoda e acessível.

O «hydrator» «FRIGIDAIRE», é um compartimento especial em que se conserva um ar húmido e frio e dentro do qual as fructas, legumes e vegetais mantem a sua succulência e a sua frescura primitiva.

As gavetas denominadas de «gelo-rápido» de que estão equipados alguns dos novos modelos promovem a fabricação instantânea de blocos de gelo.

«FRIGIDAIRE» não requer instalação especial bastando uma simples tomada de corrente para o seu funcionamento.

Peçam as nossas listas de referencias

**Secção Técnica especializada em refrigeração comercial e industrial para todos os fins
CONSULTAS E ORÇAMENTOS GRATIS**

Equipamentos especiais de refrigeração para talhos, hotéis, restaurantes, cafés, bars, cervejarias pastelarias, manteigarias, fabricas de chocolate, padarias, laboratorios, peixarias, fabricas de gelo, etc.

AGENTES DISTRIBUIDORES E DEPOSITARIOS:

DINIZ M. D'ALMEIDA
206, Avenida da Liberdade, 218
(Stand BUICK)
LISBOA

CUNHAS & ALMEIDA, L.D.A
71, Avenida dos Aliados, 81
PORTO

REDACÇÃO E
ADMINISTRA-
ÇÃO: RUA AN-
CHIETA, 31, 1.º
TELEFONE: -
20535

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

PROPRIEDÁ-
DE DA LI-
VRARIA
BERTRAND,
LTD.ª, RUA
GARRETT, 73
E 75—LISBOA

N.º 11—7.º ANO

1-JUNHO-1932



O PROFESSOR DR. AUGUSTO D'ALMEIDA MONJARDINO, A CUJA DEDICAÇÃO E PERTINÁCIA SE DEVE, PRINCIPALMENTE, A CONCLUSÃO DA GRANDIOSA OBRA DENOMINADA «MATERNIDADE ALFREDO COSTA»

Crónica da Quinzena

DESDE que no local se enterraram as primeiras pedras, vão passados bons trinta annos. Destinava-se o edificio a culto, ou louvor da maternidade, não a deste mundo vulgar que nos deu o ser, sim uma outra deshumanizada, simbolo da vida espiritual, isenta da condição imposta à criatura.

Entretanto ocorreu um grave dissidio politico que alterou os conceitos de sentimento universal e sua representação exterior. E assim foi que onde se pretendia honrar um principio abstracto, a maternidade mística, veio a instituir-se a salvaguarda e apoio da mãe procriadora segundo a lei natural.

Não demorou a resolver a mudança do occupante. A dificuldade appareceu quando se envidou de traduzir a ideia em pedra e cal.

Lisboa, capital de um reino pobre, pediu ao novo regime a obra mágica de dotá-la com os aprestes essenciaes ás grandes urbes civilizadas. Sem palácio de justiça, sem correio geral em casa própria, sem museus, nem institutos, em moradia condigna, mesquinha em hospitais, em assistência, pedira-se que por brio nacional se construísse de pronto o que faltava.

Na hora do noivado com a nova era, nenhum dos que a representavam regateou promessas. A acreditar nos votos, breve a capital se transformaria, apresentando a configuração e órgãos encontrados nas de semelhante título através da Europa. No céu de tão pura cor que a distingue, os zimbórios, altos terraços, fachadas monumentais não tardariam a recortar-se para calar o transeunte estranho, acostumado a deprimir o seu insignificante porte.

Entre as ricas prendas prometidas andava a grande Maternidade, vistosa, imponente que significaria o tributo de respeito à mulher fecunda que sofre para perpetuar a raça, com todos os valores supremos nela contidos, tais o nome, a lingua, o carácter.

Nada de estranhar que em paridade com o Palácio da Justiça, e outros de significado idêntico, se considerasse urgente abrir uma maternidade, a primeira, no país onde nenhuma existia.

Sobre os bons propósitos formulados decorreram vinte e um annos e de quanto se desajara, de tantos e tão vastos edificios, nem uma pedra se assentou. Só a Maternidade saiu do chão, se ergueu e vive, melhor do que a sonhara o mestre saído de quem ostenta o nome.

Como se entende esse prodigio da cumieira única levantada, entre tantas que se ambicionaram?

O explicativo fácil e corrente em factos desta qualidade, aqui apparece pronto. Encontrou-se um homem. E, como bem se sabe, um

homem basta quando é o homem, o próprio, o indispensável, o insubstituível; quer dizer, quando na verdade se descobre o possuidor da ideia e o amoroso da obra, o pensamento nítido e a acção pronta.

Estes predicados reduzidos a corpo com cabeça e braços, no caso aqui sujeito, conhecem-se pelo nome de Prof. Augusto Monjardino, principio, meio e fim do notável acontecimento em marcha, da abertura e entrada em função do instituto de assistência, que se fica chamando Maternidade Alfredo Costa.

Foi aquele homem calmo de attitude, paciente a preparar-se, insinuante a convencer, rápido a cumprir, que depois de com esses dotes compulsar o esforço, medi-lo imenso, não temeu executá-lo. Durante vinte annos consumiu tenacidade, resignação, fé, sem duvidar do êxito final agora obtido. O que a outros se apresentaria aventura, ou plano de louco, de cada dia recommear o trabalho de persuadir o novo ministro na véspera substituído, aceitou-o como normal e lógico dentro da singularidade dos tempos, assim colhendo ânimo para prosseguir. Aspergindo de bom humor a ironia da tarefa que comparava à do guarda repetidor de cantilena em museu histórico, viu passar os annos sem temer que o estabelecimento viesse a inaugurar-se depois de velho e caído em desuso.

Tal não aconteceu. Idosas as paredes, bastante desfeadas pelos annos, talvez se possa dizer. Em quatro lustros o gosto mudou que se fartou e a fachada hirta, sêca, ganharia se nesta hora a riscassem. O fado mandou o contrário. Dentro do que pouco a pouco se edificara, teve de acomodar-se o conteúdo na hora imprópria escolhido.

Ah! mas esse! Quem o vê, não deixa de exprimir o assombro ao mirar dentro do envólucro de molde antigo, a pura arte moderna, adequada ao motivo. Século passado por fora, 1932 por dentro, a era de hoje traduzida no estilo gracioso, de tom acolhedor, reconhece-se desde o átrio, a escada, os corredores, depois os compartimentos, o mobiliário, os utensílios, os pormenores decorativos de qualquer recanto.

Ninguém ignora que a época estúpida das superficies áridas, das côres cruas, da nudez aggressiva, peculiares a um furor higiênico que acometeu a geração anterior, desapareceu dos costumes hospitalares. Sucedeu-lhe um modo de entender mais humano, em que se escolhe, em vez da severidade e secura, a alegria, por todos os meios se procurando occultar quanto possa lembrar, ou referir a dôr. Nenhum sentido se quer impressionado por sinal que leve a supor um lugar de sofrimento. Nem cheiro, nem som, nem objecto se tolera de significação ligada à doença. Casa acolhedora, amiga de quem entre, agar-

rando-se a quem sai, que dê vontade de nela permanecer; assim se pede e assim pois o realizou a cabeça que deu à luz a instalação interior da Maternidade.

Gastam-se três horas a percorrê-la com todos os passos que requer. Pois no fim, ao terminar o circuito, dá vontade de repetir, voltando aqui, ali, como ao chegar à última página do livro estimado, se abre e folheia, à procura dos períodos mais impressionantes.

E então uma convicção consoladora se forma e fica. A saber. Já Lisboa possui alguma coisa que pode mostrar aos entendidos e recomendar aos curiosos.

A nossa pobreza não consentia apontar a quem viesse de fora grande lista de raridades dignas de visita. Mencionados os coches antigos, a estufa fria do Parque, os pontos de vista afamados ficava-se gaguejando.

É licito agora apontar a Maternidade Alfredo Costa ao forasteiro português, ao peninsular e mesmo europeu da mor parte das regiões. E se declará-lo, ou repeti-lo a quantos cheguem de longe, constitue soberba mal cabida em pobres de poucos atavios e pouca roupa que continuaremos sendo, calemo-nos guardando somente para nosso uso e regalo o que tanto custou a conseguir. Digamo-lo entre nós, em familia, a fim de também num dia raro darmos ao coração, sempre apertado, um consólio franco. Não seja só dizer, falta-nos tudo o que de excelente a civilização criou. Enfim, temos a Maternidade. Só uma? Sim. Mas essa é uma Maternidade. Mais ainda. Serve de lição experimental para mostrar o que hoje se entende por decôro, arranjo, sentido estético em casas para tratar da saúde.

Sereno, silencioso, de acção quasi imponderável foi mestre Augusto Monjardino quem andou, mexeu e remexeu, escolheu e mandou fixar, quanto ali se encontra. O que depois de ementado e somado, junta substância de sobra para concluir que bem mereceu da cidade. Entre arvoredos, no bairro burguês, banhado de sol, explende a pousada onde as pobres sobrecarregadas pela graça que as visitou, receberão acolhimento bondoso. Tudo calhou em novidade, ao jeito da primavera, nesta obra, por dentro, por fora e na proximidade. Para complemento só lhe faltava que perto cantassem os rouxinóis. Não foi possível. Em compensação ouviu-se o cuco, repisar o trilo. Ainda bem.

A Lisboa luminosa, de primavera perpétua, ficaria insípida sem a nota alegre de uma garganta de ave entre a ramalheira. E o canto do troca-ninhos em qualquer tempo sugere frescura e quadra ao elogio da vida que ali se iniciará em cada instante.

Samuel Maia.

UM "SOL DO OCIDENTE"

ANTÓNIO DE LISBOA
SANTO DE TODO O MUNDO

«EM Portugal — o mais ocidental país do Velho Continente — ergue-se, quasi na foz do Tejo, a cidade de Lisboa — coroada cabeça de vitoriosa Nação, esclarecida corôa de dilatado Império — em cuja especiosa baía o mar começa rio, o rio acaba Oceano; fundação antiga que, com as ruínas de Troia, mede seus fundamentos, pois a mesma mão que, em Ásia, deixou o reino troiano, holocausto a Belona, em Europa, levantou Lisboa, templo a Minerva; se não é que primeira glória, mais que nas cinzas do Pregamo, encaneca seus princípios nas águas do Dilúvio, dando-lhe Elísa, com o nome, a fundação de Elisea; famosa, não tanto pelo templo que, à sua Deusa, edificou fazendo grego, quanto pela casa que, ao seu Santo, consagrou piedoso monarca; célebre, não tanto por seu valoroso fundador, Ulisses, quanto por seu ilustre natural, António...

«...É Lisboa, aquela preclara e augusta Cidade do Mundo — se bem mais parece ela, Mundo, que Cidade — a cuja superior grandeza ficam: Babilónia, confusa; Paris, parada; Veneza, vendida; Madrid, uma vila; Roma, um remedo; Nápoles, um nada; por ser, mais que Nápoles, linda, mais que Roma, grave, mais que Madrid, freqüente, mais que Veneza, vistosa, mais que Paris, soberba, mais que Babilónia, imensa; Cidade, enfim, uma que é duas, e duas que poderão ser mais, pois contando precisas aritméticas de duplicada, chegou a numerar magníficas ampliações de dividida...

«...Lisboa é a só do Mundo; por isso, pode ser duas em si só. Seu monarca, por Magnânimo, manda dois Mundos, com o seu avassalante Império; que muito, logo, que ocupe duas Cidades, seu excelso trono?...

«...O que vai do Ocidente a Oriente, é feudo desta Cidade grande; então, porque não deveria ser ocidental e oriental, o cognomento desta grande Cidade?...

«...António, filho de Lisboa, foi milagre da Graça, e multiplicou-se em Lisboa e Pádua. Lisboa, mãe de António, é milagre do Mundo, e divide-se em Lisboa e Lisboa.

«...Oh sempre misteriosa reprodução! Quem visse António, em Pádua, prêgando aos vivos, havia de dizer que era Santo António de Lisboa; e quem, ao

mesmo tempo, o visse em Lisboa, obrigando a falar os mortos, havia de jurar que era Santo António de Pádua. Pois, para que o Mundo não duvide que é António de Lisboa, todo saiba que há duas Lisboas no Mundo, se acaso, no Mundo, aparecerem dois Antónios!»

E foi com este fiel retrato de Lisboa, descrito por Frei Braz Luís de

gôntea de arraia ou igualha miúda, mas sim um tronco heráldico de gente de algo, em que corria o mais generoso sangue de ilustres linhagens de Portugal, Espanha, França e Alemanha, pois que seu pai, Martim de Bulhões, que fôra Miles — equivalência de Conde — da Côrte de D. Afonso Henriques, descendia de Godefroy de Bouillon, Duque de Lorena e Rei de Jerusalém, usando, por braço, um escudo de campo de prata gravado de uma cruz vermelha rematada, nos braços, por três bolotas; e sua mãe, D. Maria Tereja Taveira, que era Senhora de grandes virtudes, descendia do Rei D. Fruela, das Astúrias, pai de Afonso, o «Casto», trazendo a sua casa, por timbre, umas armas em campo de ouro, com cinco estrelas de cinco pontas.

Abeirado das casas em que residiam estes grandes fidalgos, já existia um vernáculo templo que houvera sido a Mesquita-Maior dos mouros, e que fôra convertida ao culto cristão, pelo Bispo D. Gilberto, ilustre cruzado de nação inglesa, que, com muitos dos seus valorosos patrícios, ajudou a conquistar Lisboa aos sarracenos, atribuindo-se a sua fundação a Santa Helena, que a erigira à maneira da famosa Catedral de Santa Sofia, que, seu filho, o Imperador Constantino, havia erguido na antiga Bisâncio.

Foi nesse templo que, o nosso Rei primeiro dedicou a Santa Maria, e que, além de Basílica Metropolitana, é hoje, a Sé Patriarcal, que, amadrinhado por Avé-Maria, se baptizou o predestinado neófito, recebendo o nome de Fernão ou Fernando; e este acto tão querido aos lisboetas, foi perpetuado pelos nossos antepassados, com uma lápide

que afixaram sobre a pia baptismal, e na qual se lê a seguinte inscrição latínica:

«Hic sacris illustratus aquis Antonius orbem Luce beat Paduam corpore, mente Polus.»

Fernando, depois de, como era de uso nos filhos dos nobres, haver sido menino de côro nesse mesmo templo, chegado que foi às suas quinze primaveras, desprendendo-se dos carinhos do lar paterno e dos prazeres do Mundo, vestiu o hábito



Vera effigies Sancti Anthony Lisbonensis in Ecclesia Lusitanorum Roma

Abreu, que, mais uma vez, se provou ser Santo António, inclito luminar da igreja, um Sol do Ocidente nascido na nossa Lusíada Terra.

* * *

A 15 de Agosto de 1195, governando o bom Povo Português, D. Sancho, primeiro de nome e segundo de Rei, nasceu na mui nobre e leal Cidade de Lisboa, numa ladeiranta corredoura, lá para as



LISBOA, CIDADE NATAL DE SANTO ANTÓNIO (SÉCULO XVI)

canónico de Santo Agostinho, e enclausurou-se no Convento de S. Vicente que, fora da Cidade, D. Afonso Henriques fundara para nêle se sepultarem os batalhadores que primeiro entraram na Almeida de Lisboa, e que consagrou a êsse martirizado Santo—esplendor de Huesca, nas luzes do seu Oriente; glória de Saragoça, nas palmas do seu apostolado; triunfo de Valência, na grandeza do seu martírio; braço de Lisboa, nas cinzas do seu Ocaso.

Dêste Convento histórico, se transferiu Frei Fernando de Bulhões e Taveira, para o Real Mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra, onde se sepultam os dois primeiros Reis de Portugal, e que era cabeça da mesma Ordem dos cônegos regrántes Agostinhos. Foi afique, depois de lhe haver sido concedido pelo Prelado, o trocar a confortante murça de Agostinho, pelo saial de pardo burel, de humilde Franciscano, ao vê-lo ir-se para a suburbana Recoleta de Santo Antão, um conventual lhe disse, em ar de remoque: «Vai-te, vai-te, que lá, porventura, serás santo...», ao que Frei Fernando respondeu: «Quando ouvirdes que sou santo, irmão, louvai-o a Deus!»

Nesta seráfica Tebáida de Santo Antão, que, dos Olivais lhe chamaram, por haver sido rodeada dessas prateadas árvores, cujos ramos, desde o Dilúvio Universal, simbolizam a Paz Humana, foi que Fernando trocou êste nome baptismal, pelo de António, o qual, mais tarde, santificado, havia também de crismar êsse eremitério do saudável campo do Mondego.

Foi desta sacratíssima Casa, que António veio à sua Lisboa, com o fim de embarcar para Marrocos, de onde, depois, doente, tentou voltar à Pátria, não tendo, porém, conseguido efectivar o seu desí-

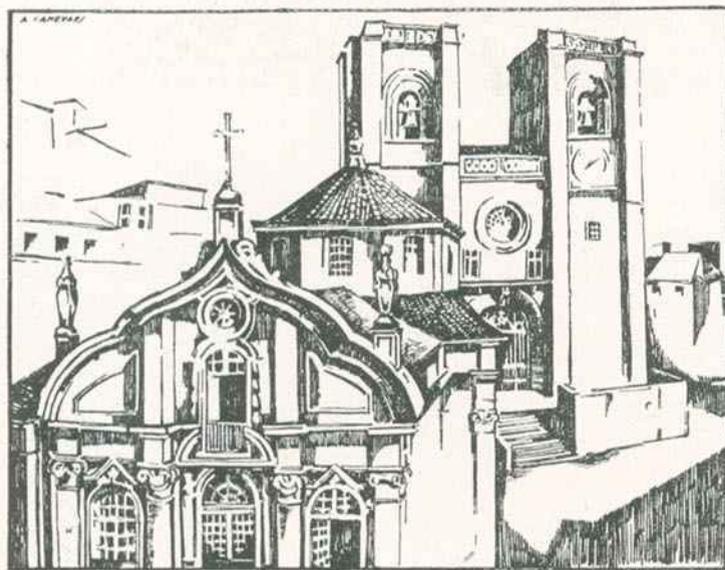
gnio, por a tormenta e o Destino terem levado a sua barca até ao pôrto de salvamento da religiosa Ilha da Sicília, em que veio a fundar três devotos conventos.

Alguns tempos antes de Frei António ter empreendido essa viagem, enviara El-Rei D. Afonso II, ao Pontífice Inocência III, por mór de resolver litígios de família, D. Soeiro Viegas, sagrado Bispo de Lisboa, à mesma data em que o Thaumaturgo se noviciara em S. Vicente; e havendo êste sábio Prelado convivido com a Cúria Apostólica e com os eminentes religiosos que a Igreja reconhece por S. Domingos, S. Francisco e S. Boaventura, dêles tornou notórias as virtudes raras, as acções de prodígio e a

Montpellier, Bolonha, Pádua, e por tantas cidades da França e da Itália, em que Minerva tinha respeitado assento.

O Pontífice Gregório IX, chamava-lhe «o tesouro das letras sagradas». Labbé, no tratado de «Escriptores Ecclesiasticos», diz «haver ele composto muitos magníficos sermões, deixando no valioso espólio das suas obras, uma mystica exposição da «Sagrada Escriptura». O insigne Manuel de Faria e Sousa, legou-nos, da sua inconfundível personalidade, êste bocadinho de oiro: «Resplandeció en santidad y letras, el grande Portuguez Antonio, luz de la Iglesia Universal, honor de las Hispanias, aquien los Pontífices de su edad, llamaram el Arca del Testamento. Mas dignamente contará su vida, el silencio, á falta de algun espíritu Divino».

Muitos são os casos sobrenaturais que a lenda lhe atribui:—Em Rimini, a cidade célebre da Província de Romania, o de converter o sanguinário General Ezze-lino, prégando, na presença do seu sismático exército, aos irracionais peixinhos; em Toulouse, terra letrada da França, o de convencer o herético sábio Guialdo, fazendo, à sua vista, respeitar a Eucaristia, uma esfaimada muar que, recusando a razão oferecida, venerou a sagrada hóstia; em Pádua, antigo domínio dos Doges, o de, por manifestação de ubiguidade, causar o profundo assombro dos fieis, que viram ficar, extática, no púlpito, a sua empolgante figura, enquanto, em Lisboa, fazendo falar um



A IGREJA DE SANTO ANTÓNIO, ONDE EXISTE O APOSIENTO EM QUE NASCEU ÊSTE THAUMATURGO. EM SEGUNDO PLANO, A SÉ PATRIARCAL, NA QUAL FOI BATIZADO

eloquência do verbo da palavra, que floresciam em tão invicto Português.

Por isso, a sua reputação de letrado, de virtuoso e de divino, estava já feita, quando, lendo, sapientemente, Teologia, passou como um fulgurante meteoro, pelas afamadas cátedras de Toulouse,

morto, salvava do cadafalso, seu próprio pai, acusado, inocentemente, de um crime que, por rixas de amor, um fidalgo, seu visinho, havia cometido a ocultas.

No fim de tanto ter honrado a sua Pátria, e haver vivido quinze anos em casa de seus pais, onze na Religião Canónica



GODEFROY DE BOUILLON, DUQUE DE LORENA E REI DE JERUSALÉM, UM DOS AVÓS DO SANTO PORTUGUÊS
(Gravura do século XVI)

Augustina, e pouco mais de dez, na Seráfica Franciscana, restituiu a sua alma ao Criador, no sagrado Oratório de Ara-Coelli, a 13 de Junho de 1231, de onde, após controvérsias dos Paduanos, foi trasladado com toda a pompa, para o Convento Franciscano de Santa Maria, em Pádua, em que foi conservado até à conclusão da formosa Basílica que lhe foi dedicada pela gente de Pádua, e na qual hoje se encontra, sepultado no riquíssimo sarcófago de prata, incrustado de pedras preciosas, que o Cardeal Guido de Santa Cecilia, lhe ofereceu.

No zénit do sol do dia 30 de Maio de 1231, foi a população de Lisboa alvortada pelos toques dos sinos dos campanários de todas as igrejas da cidade, os quais, sem indústria nem impulso humano, se ouviam repicar festivamente — como um sinal do Céu, a anunciar coisa grata aos seus corações fiéis — ; e, pelo visto, não se enganavam, como se depreende desta velha descrição de D. Nicolau de Santa Maria, cronista da Congregação Augustiana: «Não podendo atinar a gente da Cidade de Lisboa, qual fôsse a causa de tão extraordinário milagre, como o de se repicarem os sinos, sem se vêr quem os repicava, se vieram os principaes do Governo da Cidade, a este Mosteiro de S. Vicente, a consultar o Santo Prior D. Gonçalo Mendes, que era o oráculo daquela idade, e, entrando pelo Mosteiro, foram dar com o Santo Prior, no côro, posto de joelhos, em oração, todo enlevado a Deus, com os olhos arrazados em lagrimas, sem dar fé dos que o buscavam, até que, chegando-se o Padre Porteiro a ele, e puxando-lhe pelo hábito, o fez advertir dos que o buscavam, e sabendo d'elles o a que vinham, banhado todo em alegria da alma, lhes respondeu: «Dêmos, todos, muitas graças a Deus, pois foi servido que esta Cidade, por Patria de Antonio, festejasse a hora da sua Canonisação, que hoje fez o Papa Gregorio IX, na Cathedral de Espoleto.»

Não julguem, porém, que só os Paduanos levantaram Casa digna, ao Igrégio Santo. Nada se diz já, daquele cómodo Convento de Santo António dos Capuchos, de religiosos Franciscanos, fundado em Lisboa, no ano de 1570, nem mesmo desse magestoso Real Mosteiro de Santo António, da Vila de Mafra, obra bem portentosa do Rei Magnânimo que, havendo doado tanta coisa para o culto do Santo, na sua Pátria, não se olvidou de oferecer toda a prata precisa, primorosamente lavrada em Nápoles, para os altares da Igreja Nacional de Santo António, de Roma.

Será bastante, dizer alguma coisa daquela maravilha que existiu junto ao Real Senado da Cidade, no local onde, depois do derrubador terremoto de 1755,



O PAPA GREGÓRIO IX QUE CANONISOU O «SANTO»
(Quadro de Rafael)

D. Pedro III e sua consorte D. Maria I, edificaram a modesta igreja que hoje vemos.

Fôra ordenada a sua execução, pelo muito alto e muito poderoso rei D. João II, que, em testamento, deixara recomendado que se fizesse no mesmo lugar e sítio onde, a Deus Nosso Senhor aprouve trazer à luz do Mundo, o nosso Bem-aventurado Santo António, para o que legara mil justos de ouro, por querer que tudo se executasse com igual fábrica, no gosto e na riqueza, cláusulas que foram fielmente cumpridas pelo Venturoso Rei das Descobertas, D. Manuel I.

Nesse magnífico templo, do mais puro gótico-manuelino, em que se ostentava a histórica porta de bronze que D. Afonso V, o Africano, trouxera da conquista de Tânger, via-se, num rótulo adornado dos emblemas régios que eram, então, a esfera armilar e a Cruz de Cristo, e que servia de grinalda ao arco da entrada principal, esculpidas umas letras de pedra, figurando caprichosos troncos de árvore, com as quais se lia :

«Joannes II. Emmanuel I Reges hoc opus construxerunt.»

Se, por fora, era de architectura singular, por dentro era de decoração aparatosa, pois que, todo êle se enfeitava de riquíssimos retábulos em que se viam, excelentemente pintados, além dos grandes milagres do Santo casamenteiro e deparador das coisas perdidas, as figuras de alguns dos Santos naturais desta mui fidalga Nação. Era, pelos modos, um templo todo cozido em fino doirado, lavrado de várias flores e lustrosos remates.

No altar-maior, de bem custoso ouro, sempre alumiado por cinco riquíssimas alâmpadas de prata, expunha-se a imagem do Santo, a mais bela entre as trezentas e tantas que se veneravam nos templos desta inclita Cidade.

O estimável tesouro dessa Casa, além de muitas outras relíquias, guardava, em rico cofre de prata doirada, um pedaço de casco, ainda com cabelo, da corôa do nosso Santo António, que D. Pedro, o de Alfarrrobeira, houvera alcançado em Pádua; assim como um seu dêdo, embutido numa valiosa custódia de ouro, o qual, obtido na República de Veneza, veio pessoalmente trazê-lo a êsse templo, a Rainha D. Margarida, de Austria, mulher de Filipe III.

Com o cataclismo de 55, toda essa maravilha se perdeu, mas — oh graça Divina! — a voragem, o fôgo, a derrocada e a heresia, pouparam o que de mais estima e aprêço era para os alfacinhas: a imagem sagrada e o lar natal do Beato António, «Il Santo dei miracoli», «lume de Itália» e «decoro di Lusitania». Sim; dêsse António de Lisboa que, mais ainda do que em Pádua, jaz no coração dos Portugueses!

E. Raposo Botelho.



CONVERSÃO DO SÃO GUALDO POR SANTO ANTÓNIO
(Do livro de Horas de Ana da Bretanha)

NESTA hora de desalento e negação, apetece falar dos fortes e sugestivos valores que se ilustraram lutando e construindo. E nenhum mais representativo dessa ala de paladinos do que António Feliciano de Castilho.

— Era mais do que poeta o cego Castilho? — perguntar-se-hão talvez quantos não vivem de perto com a biografia edificante do autor das *Cartas de Eco e Narciso*.

Perdão. Não podemos perguntar — era poeta? Devemos perguntar — é poeta? Porque os grandes homens, escritores ou músicos, artistas ou sábios, estão sempre no presente, estão sempre vivos. Morre e reverte ao passado o que não presta, a carcaça envolvente, a carne e o osso. A chama divina do espírito, encarnada na obra que os personalisa, essência imortal, essa fica a arder no tempo e no espaço, pelos séculos fora, como no céu as estrelas. É o vulto plutarquiano de quem vou ocupar-me é um desses grandes homens.

— Quem é, pois, António Feliciano de Castilho?

É um dos cegos que mais luz têm difundido no mundo a favor dos videntes.

Por isso, a sua veneranda cabeça de patriarca inspirado, fica bem na família dos cegos ilustres, dos cegos sublimes, dos cegos luminosos — que se estende ao longo dos séculos e das gerações, orgulhosa de contar na sua árvore genealógica rebentos gloriosos das dimensões de Homero, um dos maiores da Humanidade, de Milton, um dos grandes de todos os tempos, de Edison, o inventor que encegou em anos adultos e na cegueira completou a sua obra resplandecente de sol.

Poeta humanista, teria sido simultaneamente um extraordinário escultor se a vista lhe ajudasse o engenho das mãos. Aos dez anos modelava em barro tão impressionantes esboços de figura humana — guardada na memória do breve espaço da vida dos seus olhos — que mestre Machado de Castro classificou de notável o seu instinto para a escultura.

Não são estas, no entanto, embora de alto relevo, as linhas másculas do perfil intelectual que nesta hora convém assinalar. Ao Castilho poeta, ao Castilho humanista, antepoño o Castilho educador, o Castilho apóstolo — para revelar aos que vêm, através da acção dinâmica dum cego, a realidade objectiva do velho adágio que nos diz que — «querer é poder».

Castilho encegou aos 5 para os 6 anos, por efeito dum sarampo recolhido. Nessa idade sabia já ler e escrever.

Seu pai, médico do Paço Real e professor na Universidade de Coimbra, por causa da cegueira destinava-o à vida reservada e calma da família.

O pequenino cego tinha mais dois irmãos. Pouco depois da desgraça ocorrida ao futuro poeta, os irmãos matriculavam-se na aula de latim — no seu tempo, 1806, princípio e base de todo o saber oficial.

Iniciou-os no conhecimento do latim o Padre-Mestre José Peixoto.

Quando os irmãos de Castilho, de regresso a casa, entraram a estudar a sua primeira declinação, cantando-a em cântico, segundo o uso em vigor, o ceguinho, que tinha o ouvido alerta para quantos ruídos pudessem quebrar a monótona marcha dos seus negros dias, pôs-se a escutar, atento, aquela desconhecida e bárbara música coral. Os irmãos a concluir o estudo da lição, e ele, do seu

UM CEGO LUMINOSO

posto, risonhamente, a repeti-la, caso por caso, palavra por palavra. E porque achara curioso esse entretenimento para o seu espírito, conseguiu que seu pai, por piedade, consentisse que acompanhasse os irmãos à aula. E porque assistia às lições na ânsia de dilatar o mundo estreito em que a cegueira o confinara, e ainda porque o Senhor o dotara de prodigiosa memória, dentro em breve o severo Padre-Mestre José do Vale proclama-o o melhor dos seus alunos.

Reconhecia a possibilidade de lhe abrir caminho na vida ao lado dos videntes, matricula-se nas diversas disciplinas que consti-



CASTILHO — (Desenho de Rafael Bordallo)

tirem o curso secundário. Sempre acompanhado por um dos irmãos, que se vai matriculando nas mesmas disciplinas, que estuda as lições alto para que o cego se aprenda de ouvido — nesse tempo não estava descoberto o método gráfico, maravilhoso, para ensino dos cegos — ele completa o curso secundário, ele forma-se depois em Canones, o curso correspondente ao Direito actual, na Universidade de Coimbra.

Querer é poder, dizia Castilho, continuamente, inscrevendo no seu brasão de estudioso, à maneira de timbre nobiliárquico, o velho provérbio popular.

E como querer é poder, o cego, em vez de ficar em casa, a gosar o *dulce far niente* de filho família abastado, lança-se ao trabalho e tira o seu curso superior. Mas não limita a sua acção a cumprir dia a dia os deveres de escolar. Pede a leitura dos poetas e dos pro-

sadores. Aos 16 anos, mercê dum poema em louvor da Rainha morta, D. Maria I, vê consagrado o estro poético pelos críticos da época.

Isto não basta à sua febre de se dilatar, ao seu desejo de se engrandecer.

Compõe novos poemas. Assombra gregos e troianos com a propriedade e elegância das suas traduções do latim, do francês e do alemão. E faz-se o apóstolo da instrução dos humildes, logo que o Vintismo decreta a abolição dos privilégios de casta, abrindo cursos populares, criando jornais educativos, publicando livros acessíveis aos pequenos.

Edita os *Quadros históricos*, no intuito de que todos, grandes e pequenos, conheçam a história do seu país, a sua fôlha corrida de cidadãos portugueses.

Lança a *Revista Universal Lisbonense*, em que versa assuntos literários, morais, industriais e agrícolas.

Em plena quadra de luta pela divulgação das letras e das artes, começa a preocupá-lo o empirismo brutal do ensino da instrução primária. As crianças portuguesas são ensinadas pela arqueológica cartilha do Padre Salamonde — à bordoadá, à palmatória, a *Santa Lucia de cinco olhos*, segundo o termo escolar, tirando da dôr e da humilhação dos alunos, o que devia ser fruto da competência e carinho dos professores.

E é ele, Castilho, o cego, quem realiza o milagre do *fiat lux* na escola primária portuguesa. É ele, precursor de João de Deus, o poeta da *Cartilha Maternal*, quem substitui o método de ensino de domador de feras, pelo método de ensino do escultor de almas — com o seu *Método português de leitura*.

Claro: — esse bem incomensurável para a infância lusitana, para a pátria portuguesa, foi o fel e o vinagre, foi a cruz e o calvário do insigne reformador.

Mal o incansável iluminado se põe a cantar a alvorada do seu milagroso invento, salta-lhe ao caminho a alcatéia de lobos dos interesses criados. São todos os que vivem atrelados ao carroço da rotina correndo a apedrejá-lo. São todos os que comem e bebem das cartilhas roncadas e das lágrimas dos escolares a acometê-lo de flanco e de frente, flagelando-o e insultando-o.

Castilho, porque querer é poder, nem desiste, nem fraqueja. Luta dia e noite, luta até à morte, acabando por vencer.

Uma ou outra vez, o cérebro fatigado, desvia-se da arena do combate, vai reponer para a cidade de Ponta Delgada, nos Açores.

Vai repousar da batalha travada aqui. Mas lá, apenas chega, entra logo a batalhar. E funda escolas, e monta oficinas de tipografia, e estabelece oficinas de gravura, e edita jornais de divulgação agrícola, e apadrinha centros de educação intelectual.

Vai ao Brasil em missão de propaganda do seu método primário. De regresso a Portugal abre o seu notabilíssimo *Curso de ensino normal*.

Só a morte, ocorrida pouco depois, abate o esforço do paladino, cala a voz do apóstolo — mas nem a morte queima a semente magnífica do sementeiro, que logo se transforma em seara, que formosamente se desentranha em pão.

Não é verdade que retempera evocar, nas épocas de crise de vontade, a figura dos grandes lutadores? E esta é das maiores, das mais eloquentes e edificantes. É a luz dum cego a ensinar o caminho aos videntes.

Sousa Costa.



I

HÁ quasi dois séculos que eu vivo aqui, sôbre um pesado sóco de mármore, à sombra duma tília melancólica, espreitando quem passa na grande alameda dêste parque real. Aqueles que, aborrecidos dos homens, ainda costumam olhar para as estátuas, compreenderão sem dificuldade que eu sou o velho deus Pan, filho de Doemogorgonte. E, se repararem bem em mim, na graça da minha atitude, na sensualidade delicada das minhas formas caprinas, na elegância com que eu, há cento e cinquenta e sete anos, toco nesta flauta de pedra um minuete que ainda ninguém ouviu, hão-de reconhecer que só mãos francesas poderiam ter-me arrancado ao bloco de mármore de que sou feito: as mãos do ilustre Clodion, que povoou de ninfas e de bacantes nuas os velhos parques do século XVIII. Confesso que, na minha dupla qualidade de deus e de estátua, principio a sentir a neurastenia da divindade e da imobilidade; e, como tôdas as pessoas que deixaram de compreender o seu tempo, decidi-me, finalmente, a escrever as minhas memórias. Porque, na verdade, eu vi e ouvi muitas coisas. Do alto do sóco onde me ergueram, imóvel sôbre as patas felpudas de bode, debruçando sôbre o mundo a forte musculatura das minhas espáduas e o meu largo sorriso dionisíaco, eu tenho visto passar os séculos e as gerações, viver e morrer as idéias e os homens; e, porque se lembraram de construir na minha frente um banco de pedra, vasto como um leito, assisti a muitas conversas, conheci muita gente, fui o espectador silencioso e amável de muitas loucuras, e noutra tempo (agora, já não), quando o sol declinava, quando o céu refulgia como um grande mosaico dourado e as sombras baixavam sôbre a terra, não havia uma só noite (e há quarenta e sete mil noites que aqui estou!) em que um murmúrio de beijos, uma crepitação de sêda, um arrullo de pombos não chegassem aos meus ouvidos, e em que as minhas narinas voluptuosas de deus silvestre não sentissem a palpação dum perfume de mulher. Os

O DEUS PAN

E AS TRÊS MULHERES

(a do século XVIII, a do século XIX, e a do século XX)

homens interessavam-me muito; mas, com franqueza, as mulheres ainda hoje me interessam mais. Êles passam, quasi sem me olhar; elas, porém, atraídas pela nudez do meu tórso e dos meus braços, que podiam ter pertencido a Apolo, levantam sempre os olhos para mim. Se eu não fôsse um deus de pedra, condenado à perpétua imobilidade, quantas mulheres teria já perseguido por êstes bosques, sem que elas fugissem dos meus beijos, como aquela loira Sirynx, pastora da Arcádia, cujo corpo delicado se converteu na flauta que eu toco...

II

Quando eu escrever as minhas memórias, hei-de dizer o que penso das mulheres. Em geral, os homens dizem mal delas, porque só conheceram as da sua geração. Eu vivi quasi dois séculos, conheci bastantes gerações, e sou obrigado a confessar que as mulheres têm mudado muito. Quando, em 1773, me trouxeram para aqui, a grande alameda dêste parque

tinha a graça e a opulência de uma dourada tapeçaria dos Gobelins. As mulheres que passavam, ao fim da tarde, vindas do palácio real, caminhavam devagar, apoiadas aos seus bastões altos, de punho de Limoges, usavam grandes cabeleiras empoadas de branco à moda francesa, não deixavam ver nem sequer a ponta dos pés, tôdas elas respiravam majestade, como se cada uma fôsse a própria Juno rodeada dos seus pavões azues, e os seus olhos sempre baixos, como os das freiras, davam-me a impressão de que procuravam perpétuamente uma jóia perdida. Que pudor, que dignidade, que inocência!

As risonhas driades e amadriades dos bosques mitológicos da Héllade, que saíam do banho perseguidas pelos sátiros, e reboavam, maravilhosamente nuas, os corpos brancos pela relva — em que deusas austeras e graves se haviam transformado (pensava eu), e como aqueles vestidos pesados, verdadeiras armaduras de sêda que as cobriam dos pés à cabeça, pareciam mais próprios para as fazer respeitadas, do que para as fazer desejadas! Atrás delas, vinham as *duênas*, de olhos baixos também, vestidas de negro; atrás das *duênas*, os frades confessores e directores espirituais, de olhos mais baixos ainda, as camândulas à cintura, os breviários na mão; por fim, as negrinhas, vestidas de côres, quasi de olhos fechados, trazendo os léques, os cêstos da merenda, os espelhos de prata do toucador. Só muito de longe, é que os elegantes do tempo se atreviam a seguir aquelas divinas imagens da candura; e, quando elas iam merendar nalgum recanto do parque, como nos quadros de Van Loo, em volta de uma toalha branca estendida na relva, os pobres rapazes aproximavam-se então, de tricórnio debaixo do braço, tímidos como colegiais, e iam, de olhos tão baixos como os delas, beijar-lhes respeitosa-mente as pontas dos dedos. Mas a noite caía; o perfume das laranjeiras floridas embalsamava o ar; a deusa das trevas, esposa de Acheronte (como dizem os poetas), envolvia o mundo no seu manto negro; e então — Deus do céu! — tôda

aquela gente levantava os olhos, as meninas, as *duenas*, os frades, os namorados, as negras; e, pelas sombras nocturnas do parque, pelos bancos de pedra, pelos recantos do arvoredado, quantas loucuras, quantos beijos sussurrantes, quantos desmaios amorosos, e como eu sentia, como eu adivinhava—no frémito voluptuoso daquelas noites em flor!—que os corpos eram brancos, as bocas perfumadas, e a pesada armadura dos vestidos, afinal, mais diáfana e mais leve do que uma folha de rosa ou uma névem da manhã! No dia seguinte, quando nascia o sol, havia pelo parque jóias e fitas de sêda perdidas; e quando, à tarde, as mesmas lindas mulheres tornavam a passar de olhos baixos, majestosas, pudibundas, solênes, apoiadas aos seus bastões, coroadas das suas imensas cabeleiras brancas, lançavam-me um olhar furtivo, um olhar suplicante, um olhar que queria dizer, na sua graça maliciosa: — «Não contes a ninguém o que ouviste, não, meu amigo?» O tempo fugiu, caíram as folhas, levou-as o vento, — e eu não disse nada a ninguém...

III

Os deuses, como eu, são amáveis e tolerantes. E, quando têm a felicidade de ser de pedra, a sua bonomia é admirável. Porque razão hei-de eu censurar a hipocrisia dessas bonecas francesas do século XVIII, netas de Tartufo, se a noite foi realmente feita para amar e o dia para nos enganarmos uns aos outros? Mas, as mulheres mudam muito com o tempo, e as que vieram depois, em 1840, já não eram assim. Vi-as passar, à tarde, nesta alameda, tôdas profundamente melancólicas — a mórbida melancolia do Romantismo — magras, pálidas, vestidas de musselina branca, os cabelos negros em bandós semeados de rosas de tocar, uma écharpe branca pelos ombros, a saía de grande roda a oscilar como um sino de que os pés, calçados de preto, fôsem os pequenos e graciosos badalos. Caminhavam lentas, dando a impressão de figuras aéreas dominadas por um grande sonho, e os seus olhos, pisados de olheiras negras, em vez de procurarem o chão, como os das frívolas bis-avós de 1770, erguiam-se em êxtase para o céu — os olhos em alvo das mulheres românticas — como se esperassem, a todos os momentos, uma inspiração divina. Precedia-as um escudeiro, também de olhos em alvo, levando no braço um *couvre-pieds* felpudo, e na mão, respeitosamente, como uma relíquia, o último livro de Musset ou de Garrett; e, poucos passos atrás, seguia-a o «leão» amoroso, peito largo, cintura estreita, casaca verde-bronze com botões de prata, chapéu alto Murillo, gravata negra asfíxiante dando quatro voltas no pescoço, o ar profundamente dramático de um homem dominado por uma paixão terrível, e os olhos ainda mais em alvo (muito mais!) do que os do escudeiro e os da senhora. Passeavam os três pelo parque, até ao cair da noite. Quando o luar rompia, a senhora vinha sentar-se no banco, ao pé de mim; para



que não se lhe visse o fino tornozelo calçado de sêda branca, por onde subiam, cruzadas, as fitas negras do coturno — porque, só adivinhá-lo, era uma profanação — o criado lançava-lhe sobre os joelhos o *plaid* de lã de Inglaterra, e afastava-se, discreto, perdendo-se nas sombras do arvoredado. Era então — momento supremo! — que o «leão» amoroso se aproximava, pálido, desvairado, o chapéu na mão, o cabelo em desalinho, para declamar, como Antony, as palavras dramáticas da sua paixão, palavras que a mulher adorada ouvia em êxtase, a pensar na morte e a comer, sófregamente, folhas de violetas. — «Eu quero matar-te, porque te amo!» — rugia êle. — «Mas devagar, muito devagar — suspirava ela — porque é delicioso morrer por ti!» O luar, cobria-os, como um pálido de prata; ouvia-se ao longe, num piano, um «nocturno» de Chopin; o chapéu alto dêle rolava no chão; a écharpe dela voava ao vento; e os dois amantes, extenuados de pedir a morte um ao outro, adormeciam enfim num abraço trágico de moribundos, sobre este banco de pedra, envolvidos no *couvre-pieds* como num grande manto de Arlequim... No dia seguinte — ó deuses imortais! — estavam ambos de perfeita saúde.

IV

Eu, que andava na Arcádia com os meus rebanhos, tocando a minha flauta, costumado a ver as ninfas correr pelos bosques, inocentemente nuas, desconfieci sempre das mulheres que se vestem de mais, que affectam excessivo pudor,



e que não deixam ver nem um dedo do seu pé descalço. São, de dia, virgens pudibundas; e, à noite, bacantes descompostas. Agora, em 1932, as mulheres mudaram outra vez, e há anos, desde o fim da guerra, que aparecem nas alamedas dêste bosque quási despidas, com os cabelos cortados, as unhas pintadas de vermelho (o que é um sinal de ferocidade), os braços nus, as pernas nuas, fumando como homens, saltando como gamos, e passando os dias a atirar bolas umas às outras, ao sol, numa clareira cercada de rédes que mandaram abrir ali, naquele bosque, defronte de mim. Têm um ar másculo, de belos adolescentes; possuem a audácia da nudez, como as jóvens gregas que dançavam nas Thesmophórias ao som de crótalos e de címbalos de prata; e os seus olhos, pintados de azul, não olham para cima nem para baixo, como as suas avós doutro tempo, — mas para a frente, corajosamente, não sei se com impudor, se com insolência, se apenas com naturalidade. Parecem — aqui para nós — as mulheres mais escandalosas do mundo; e entretanto, quando a noite cai, nunca houve, como agora, tanto sossêgo e tanta decência neste parque. Nunca mais se ouviram beijos nas sombras do arvoredado; tudo quanto fazia as delícias do velho amor romântico, cheio de poesia e de mistério, morreu para elas; quando falam com os homens, é de dia, diante de tôda a gente, atirando-lhes fumo para a cara, e chamam a isso *flirtar*. Ontem, duas delas, que eram doutoras, sentaram-se neste banco de pedra a falar da república das mulheres, e eu tive a impressão de que estava na Arcópole, entre templos brancos e ciprestes verdes, ouvindo a bela Lysistrata ou a loira Praxágora do meu amigo Aristophanes, igual aos deuses. Se as mulheres se conservam assim, viris e quási nuas, são elas que hão de vir a governar os homens; e no dia em que acabem de cair-lhe aos pés, como relíquias inúteis, os últimos restos de sêda que as vestem ainda, da cintura até aos joelhos, — as mulheres, puras expressões da divindade, sobre cuja maravilhosa e definitiva nudez as pombas revoarão e Jupiter fará cair a sua chuva de ouro, terão atingido, enfim, a suprema perfeição na terra. Sou eu que lho digo, o velho Pan! E até lá — ó homens imperfeitos, homens mais fracos e mais impuros que as mulheres! — eu continuo a tocar, impassível, a minha flauta de pedra...

Júlio Dantas.



o pescador

ocasião do nasci-mento da sua
irmã mais ve-lha.

— Ó papá, porque é que as girafas têm o pescoço tão comprido?
— É para chegarem às folhas das árvores.
— E porque é que as árvores estão tão altas?
— É para estarem à altura da cabeça das girafas.

— Quando estou doente vou ao médico, porque o médico precisa viver. Depois avia a receita, porque vou à botica e o boticário precisa vender o remédio fora.
— Porquê?
— Porque eu também preciso viver.

Num baptizado:
O padre:— Como é que se vai chamar o menino?
O padrinho:— José António Conceição nando...
O padre:— Sacristão, traga mais água.

— Quando uma pessoa é surda tem a vista mais apurada.
— E quando uma pessoa tem uma perna mais curta, tem a outra mais comprida.

O criado do aristocrata batendo à porta do quarto do amo:
— Está aqui um telegrama.
— Meta-o por baixo da porta.
— Não posso, porque vem numa bandeja.

Um dia um judeu muito económico foi comprar um chapéu. Quando entrou em casa a mulher ficou apavorada.
— Então tu foste comprar um chapéu que te entra até às orelhas?
— Pudera não! Os pequenos custavam o mesmo preço.

Entre caçadores:
— Ontem à noite matei trinta lebres e vinte e quatro coelhos.

— Quando acordaste, devias ter ficado furioso.

— O homem que ali vem é um poeta estúpido.

— Mas os poetas costumam andar vestidos de negro e têm cabeleiras enormes?

— Pois sim, mas aquele é da poesia secreta.

— Você abusa da aguardente, não é verdade?

— Não senhor. Bebo unicamente dois copos pela manhã, quando me levanto, porque ao beber um copo sinto-me logo um outro homem.

— E então para que bebe o outro copo?

— Porque como me sinto outro homem, o outro, coitado, também tem direito à vida.

— E tu tiveste um duelo?

— Quási.

— ?!!

— Deram-me uma bofetada.

O Inácio corretor foi consultar um médico:

— O meu amigo está mal. Se não cuidar de si está perdido... Trabalha muito?

— Muito, senhor doutor. Sou corretor da Bôlsa onde estou todo o dia.

— Pois se não quiere morrer tem de deixar de lá ir. Já sabe: ou a bôlsa ou a vida.

O Lopes de volta de uma viagem à Serra Morena, contava a um amigo a desgraça que lhe acontecera.

— Ia eu muito satisfeito, quando me saíram uns salteadores ao caminho e roubaram-me todo o dinheiro que levava, o relógio e o automóvel.

— E não levavas um revólver?

— Levava, mas felizmente não deram com êle.

O pescador — Lino Ferreira.

Eu não sei se conhecem o Pais Sargedas, o Sargedas dos trapos como é conhecido no Campo das Cebôlas? Mas se o não conhecem eu apresento-o.

O Sargedas é um bom tipo, sério e trabalhador que tem uma grande qualidade e um grande defeito: a qualidade é gostar muito de vinho e o defeito o ter um desmedido horror à água. E não é que êle não procure emendar-se, mas aquela fobia é superior às suas fôrças.

Um dia fui dar com êle com o dêdo meiminho metido dentro dum copo de água:

— O que é isso, Sargedas?

— Estou a treinar-me para tomar um banho geral.

Já lá vão seis meses e creio que nesta altura ainda não chegou ao pai de todos.

Ora ontem à noite, quando eu passava em frente da estação do Rossio, dei com êle, um pouco borracho e com uma cabrinha ao colo.

— Venho da Amadora. Fui à Quermesse de Caridade e saiu-me esta cabrinha numa rifa.

— E agora o que vais fazer?

— Vou levá-la para casa.

— E onde a metes?

— No meu quarto.

— Uma cabra?! Isso é um cheiro horrível...

— Bem sei, mas ela, coitadinha, com o tempo há-de acabar por se acostumar.

Dum romance:

A desgraçadinha estava privada das carícias maternais pois a mãe morrera por



Albert Thomas

ENTRE os mortos do mês passado, Albert Thomas ocupa lugar de merecido destaque. O seu falecimento ocorreu quasi simultaneamente na data da morte do saudoso Presidente da República Francesa, sr. Doumer, num momento em que a atenção pública geral convergia mais sobre o condenável atentado, não permitiu, porventura, que a Albert Thomas, director do Bureau Internacional do Trabalho, se levasse a merecida consagração pública do seu alto intellecto. Mas nem por isso, todo o mundo deixou de olhar com vivo pesar o desaparecimento de tão notável personalidade que em vida se desempenhou de altos e espinhosos cargos com proficiência e dedicação.

Pelo mundo da Música



WILHELM Furtwängler e a orquestra sinfónica de Berlim sob a sua direcção, têm festejado no estrangeiro, nomeadamente em Roma, grandes triunfos artísticos, sendo este agrupamento musical considerado um dos melhores da Europa.

Joseph Haydn



A propósito da comemoração do bi-centenário da morte de Haydn, recorda-se que o grande músico, durante os últimos anos

de vida, sempre que o convidavam para qualquer reunião a que elle, já cansado, não podia comparecer, enviava um cartão de visita com o seu nome e com a citação do côro da sua autoria «O Velho», cujos primeiros versos, assim diziam: *Foi-se-me tóda a fôrça... Sinto-me velho e fraco...*

Estas linhas eram acompanhadas pelas primeiras notas musicais da sua referida obra.

A catástrofe de Lyon

LYON vem de ser vítima de uma nova catástrofe a que os jornais largamente se referiram e que victimou grande número de pessoas.

A nossa gravura mostra um dos edificios que ruíram naquella



cidade, vendo-se os bombeiros e populares occupados na tarefa do salvamento. A casa estava situada no sopé da colina conhecida por Croix-Rousse.

Noivado de aviadores

OS conhecidos aviadores americanos transoceânicos, Miss Amy Johnson e Mr. Mollison, anunciaram no passado dia 10 de



Maio o seu próximo casamento. Como se sabe, Amy Johnson

VI Congresso Internacional de Teatro



No grupo que reproduzimos, obtido durante a realização do VI Congresso Internacional de Teatro, recentemente realizado em Roma, vêem-se Pirandello, Muli, Méré, Clausetti, Basini, Pierantoni, Bosio, D'Amico, Contini, Bragaglia, Bontempelli e Sibilla Aleramo, tudo nomes ilustres nos meios teatraes e criticos da Itália e França, que se reuniram num almoço de confraternização no Hotel Palazzo Aldobrandini.

tem honrado a aviação britânica com os seus vôos a longa distância, outro tanto succedendo a Mollison que na Austrália tem marcado pelas suas excellentes qualidades de coragem e grande saber técnico.

A caricatura no estrangeiro

NA EXPOSIÇÃO DE QUADROS: — Com certeza que o pintor é maluco! Este quadro represen-



tando nabos e rabanetes, custa um conto de réis, e o ananaz e vinho velho, que deviam ser mais caros, só custam trezentos escudos! — (Da «Die Woche»).

Arquitectura moderna



SEM dúvida que a Alemanha tem marcado, e grandemente, na evolução da moderna architectu-

PELO MUNDO FÓRA

ra mundial. As construções levadas a effecto ultimamente atestam o alto valor dos architectos germânicos.

Recentemente, foi inaugurada em Berlim, Wilmersdorf, esta igreja cujas linhas de construção impressionam pelo que têm, a um tempo, de harmonioso e de severo.

Pelo mundo do Teatro

ILUSTRAÇÃO arquiva hoje nestas colunas o retrato gentilíssimo da linda actriz inglesa Elizabeth



Allan, considerada na Grã-Bretanha como uma das caras mais bonitas do mundo teatral. A simpática artista dedicou-se, recentemente, também ao cinema.

A Afrodite roubada

REPRESENTA a nossa gravura o valioso bronze escultural de Afrodite que se supõe datar do



ano 460 antes de Cristo e avaliado em mais de vinte mil libras e que foi roubada, recentemente, de casa do conde de Spetia di Radione em Londres, juntamente com outros objectos de subido e raro valor artístico e histórico.

PELO MUNDO FÓRA

Um aniversário

A fotografia que acompanha estas linhas é a do dr. Bickel, presidente da United Press Associations, importante agência de notícias internacionais que, recentemente, festejou o 25.º aniversário da sua fundação. Sob a proficiente direcção do presidente Bickel, a United Press tem-se desenvolvido imensamente po-



sendo considerar-se um dos mais fortes organismos de informação mundial que fornece com o noticiário mais importante, mais seguro e mais imparcial, 1200 jornais de quarenta países diferentes.

Ilustração associa-se ao número dos que cumprimentaram por efeito d'êste aniversário o nosso amigo e presado colega na Imprensa, Adolfo Vieira da Rosa, representante em Lisboa da citada agência.

Estatuária russa

VERDADEIRAMENTE fantástico êste grupo plástico devido a um artista russo e representando um aviador, um trabalhador com máscara de gases e um aeroplano,



no, que, durante as celebrações do 1.º de Maio em Moscovo, foi

transportado nas manifestações que percorreram as ruas e que atingiram na famosa Rua Vermelha o auge do entusiasmo.

Arte Coreografica

EM Nova York causou um retumbante sucesso o bailarino russo Alexis Dolinoff inter-



pretando o bailado expressionista intitulado «Cavalo-força (HP)». Leopold Stokowski acompanhou o bailado com a sua orquestra de 114 executantes e o bailarino apareceu com a curiosa indumentária da nossa gravura.

O Novo "Miss England"

KAYE DON fez construir uma nova embarcação, a «Miss England III», com a qual pre-



tende concorrer ao campeonato mundial de barcos-automóveis que, à hora que escrevemos, se deve estar a realizar. O último gasolina de Kaye Don alcançou uma velocidade de 110-milhas.

Afonso XIII diverte-se

O monarca exilado da Espanha, a quem, há pouco, um operário em Bordens quiz agredir, não renunciou, de forma alguma,



aos prazeres que a vida ainda lhe reserva.

Aqui o vemos acompanhado do comendador De Santis, numa visita que fez ao Casino Municipal de San Remo. O ex-monarca gosta de viajar e de esquecer as suas mágnas.



EM Sydney foi inaugurada uma nova ponte que passa por ser uma das mais belas obras da moderna engenharia. Por ela passam quatro linhas ferroviárias, seis caminhos para automóveis e dois passeios para peões. Todo o trabalho foi feito com operários e material inglês.

A crise financeira nos Estados Unidos

UMA das Câmaras de Comércio de Washington viu-se forçada a pôr em circulação uma nota de dólar em madeira para



assim resolver as dificuldades da circulação fiduciária que se tem agravado imensamente.

A favor dos Tuberculosos

A nobilitante jornada a favor dos tuberculosos que em Portugal se acaba de realizar com tanto êxito, também em outros



países se realizou, provando de que maneira as gerações actuais,

sob o signo da dupla cruz, se empenham no combate ao terrível mal.

O instantâneo que publicamos foi obtido durante a realização da Semana da Tuberculose em Milão.

Na côrte da Noruega

Êste é o retrato da princesa Marta, herdeira do trono da Noruega e do pequeno príncipe



Astrid, seu filho, tirado após o baptizado d'êste novo membro da côrte norueguesa.

GRAÇA ALHEIA



O DOMADOR DE FERAS TRATANDO-SE EM CASA. (Do Tattlers)

"MISS" PEQUIN SERÁ A "MISS UNIVERSO" 1932?

ESTE ano, como todos os anos, a Europa, a América e os outros continentes, vão inscrever-se no torneio mundial de beleza feminina



A MENINA MA (QUE FOI ELEITA «MISS PEQUIN» 1932)

gadora de ornitorincos.

Como porém estes concursos já estão classificados, unânimemente, como uma verdadeira chinezice mais ou menos ridícula segundo quem a aprecie, é lógico e não surpreende que a China, o Ex-Celeste Império, hoje república mártir, tenha pensado em ser a primeira a concorrer. E, na verdade, apesar da situação em Xangai, apesar do terrível e sangrento *embrógllo* da China do Norte e do Sul, do conflito latente entre Pequim e Nanquin, da Mandchúria independente, dos latrocínios e rapinas dos nipões, amigos chineses se bem o pensaram melhor o fizeram e têm já a estas horas, eleita como sua representante do tor-

neio internacional futuro, uma autêntica Miss Pequim, que, pelo que mostra o boneco, não é tão exótica a olhos de europeus como podia julgar-se. O certame foi imponente, de rara polí-cromia, de um vistoso exotismo que animaria para uma nova obra de génio a pena prodigiosa de Pierre Loti ou a genial observação de Lafkadio Hearn. E os nossos Wenceslau de Moraes, Camilo Pessanha ou Coelho de Carvalho, cronistas e poetas de tal longínquo exotismo, escreveriam páginas e estrofes inesquecíveis. Em Pequim foi uma organização moderna, progressiva, um pouco cosmopolita, o «Reiking Ladies Club», que organizou o concurso no Palácio do Estio. A ele vieram, a disputar o supremo galardão, além das belezas da capital, as mais belas jóvens de Kiang Su, de Fon Kiang, do Nan Uai, do Kuang Fung, tôdas cheias de nobilíssima raça, tôdas ataviadas com seus trajos tradicionais, como ídolos vivos, recamados de pedras, sedarias políferomas, flores, fitas, jóias e laços. E vieram outras da Mandchúria, da Coreia, da Sibéria setentrional, porque *Miss China* deve ser, em boa lógica anti-nipónica, *Miss Asia*. No fantasmagórico Palácio de Estio, jardim perene, de raro esplendor, tôdas se juntaram, as flores exóticas do exótico ramilhete. Por cima da vegetação anã desenha-se a lendária *ponte de prata*, e por ela, numa numa apoteose, desfilarão as concorrentes vestidas com modas cuja data oscila entre 730 e 1932 da era cristã.



LIRIO LUANG, VESTIDA DE «KANG KUE FEI (CONCUBINA IMPERIAL) DA DINASTIA TANG (ANO DE 730)

foram escolhidas; Wang, Siglinda empenachada, dentro dum terrível e magnífico uniforme de generala da dinastia Tang, depois Lirio Luang, a enigmática, vestindo como uma concubina imperial da mesma época, logo a seguir Estrela King envergando a cabaia prodigiosa e o singular toucado de princesa da dinastia Sung, paramentos autênticos datados de 1045, ainda depois a menina Hsu da vendadora de flores do século XVIII chinês, tôdas fazendo guarda avançada à elegante menina Ma (longe vá o agoiro) que, vestindo à moda actual, ganhou, por aclamação do júri, o título de Miss Pequim, que o mesmo é Miss China.

E logo as favoritas



ESTRELA KING, VESTIDA DE PRINCESA DA DINASTIA SUNG (1045)



SIGLINDA WANG, DESTIDA DE GENERALA DA DINASTIA TANG (ANO DE 730)

foram escolhidas; Wang, Siglinda empenachada, dentro dum terrível e magnífico uniforme de generala da dinastia Tang, depois Lirio Luang, a enigmática, vestindo como uma concubina imperial da mesma época, logo a seguir Estrela King envergando a cabaia prodigiosa e o singular toucado de princesa da dinastia Sung, paramentos autênticos datados de 1045, ainda depois a menina Hsu da vendadora de flores do século XVIII chinês, tôdas fazendo guarda avançada à elegante menina Ma (longe vá o agoiro) que, vestindo à moda actual, ganhou, por aclamação do júri, o título de Miss Pequim, que o mesmo é Miss China.

Nesta escolha ficou, de certo, mal parada a tradição do vestuário clássico chinês, mas temos de confessar que a menina Ma merece o título que ganhou e o posto de luta, frente às suas colegas de outros continentes, na disputa do trofeu de *Miss Universo 1932*.

CINEMA

Revista das Estreias

ESTA tendência, do cinema dos nossos dias, de se tornar superficial, de constituir espectáculo ligeiro e brilhante, torna-se, dia a dia, mais evidente.

É o reinado da opereta. Um novo reinado, mais fecundo em realizações do que o foi o do palco ou o da cena muda. Pouco a pouco, entre as muitas produções que surgem, um estilo se vai definindo e concretizando, em que ritmos ligeiros e alegres, argumentos que têm sabor de contos de fada e espirituosas inverosimilhanças se condensam para nos dar obras de pura fantasia, espectáculos visuais que a música completa admiravelmente.

Da categoria artística destes espectáculos é sempre inútil falar. Para os críticos, eles fogem, inteiramente, aos dogmas estéticos. Mas é incontestável que a Arte também tem nêles a sua função, sob a forma de música, de montagens ou decorações. Além disso, a opereta, na sua moderna forma fonocinematográfica, corres-



junto a sua nota de realidade triste. À parte isto, o filme está recheado de *trouvailles*, entre as quais se destacam a dos bailarinos profissionais e a perseguição final que é curiosíssima.



Kate de Nagy e Jean Murat são dois intér-



ponde a um gosto do público, e é forçoso considerá-la como expressão, ainda que transitória, da nossa época.

Que assim é prova-o o êxito de *Dois num automóvel* que, em *reprise*, sucedeu a *Luzes da Cidade* e, mais recentemente, de *Um homem feliz*, admirável produção de Erich Pommer que o São Luiz estreou.

Este filme do grande animador alemão não se distancia sensivelmente das produções do género que ultimamente temos admirado. Refine, na verdade, tôdas as qualidades que impuseram os outros, dentro dum argumento frívolo e fantasioso, mas cheio de interesse. E se algum senão lhe podemos apontar é apenas o de incluir, aqui e além, algumas cenas dum certo realismo que não vai bem ao carácter ligeiro da obra. Referimo-nos às seqüências do rapto num hotel modesto e a alguns diálogos entre mãe e filho que põem no con-

pretes excelentes neste género de filmes. Ela, graciosa, cheia dessa encantadora espiritualidade que o carácter do filme implica. Ele, um pouco menos galã do que o argumento exigiria, mas actor de grandes recursos.

Fugindo a esta voga crescente, apresento-nos Tivoli *De corpo e alma*, um filme de aviação e de guerra em que a intriga amorosa tem o principal lugar. De argumento um tanto folhetinesco, este filme oferece apenas à nossa admiração uma vigorosa realização, com cenas aéreas admiravelmente filmadas e um poderoso ritmo de imagens.

Quanto ao resto, há apenas a notar a brilhante interpretação do grande actor Ernesto Vilches em *Mr. Wu*. Apesar da sua acentuada feição teatral, este filme oferece notável interesse, que se resume, de resto, quasi por completo, no inteligente trabalho do grande actor espanhol.

As aventuras de Tom Sawyer, interpretado por Mitzi Greem, Jackie Coogan e um grupo de actores de poucos anos, é um excelente filme de crianças, para adultos. Todos os intérpretes são assombrosos de naturalidade. Jackie Coogan, em especial, iguala os melhores trabalhos do início da sua carreira. Mas para as crianças, a quem este filme parecia ser destinado, o seu argumento pode merecer reparos, pela

sua moral um tanto convencional.

Finalmente, tivemos ainda, no Odeon, *Noites de Viena*, uma opereta de delicadíssimo recorte, animada pela melhor música do género. Ao contrário do que com a maioria das obras similares sucede, *Noites de Viena* baseia-se num argumento inteligente e profundamente humano, com o que nada perdem, porém, a leveza e a fantasia que o seu carácter de opereta lhe impõem.

Donde se conclue que, em cinema, a hora que passa pertence à música e que esta vai assumindo, no espectáculo das sombras animadas, um papel quasi tão fundamental como o das imagens e muitas vezes mais importante do que o do diálogo.

O que não é de modo nenhum para lamentar.

Manuel L. Rodrigues.

UM GRUPO DE ESTRELOS DO FIRMAMENTO DE HOLLYWOOD: LILYAN TASHMAN, DOROTHY JORDAN, CLAUDETTE COLBERT, SYLVIA SIDNEY, JUDITH WOOD E PHILIPS HOLMES

CINEMA

NOTA DA QUINZENA

A INFLUÊNCIA DO CINEMA

É factó geralmente reconhecido que o cinema exerceu já, e continua exercendo ainda, uma enorme influência na cultura, nos usos e nos costumes das multidões.

Podem citar-se inúmeros casos em que a moda, tanto masculina como feminina, foi influenciada pelo cinema. Outros, em que essa influência se fez sentir nos hábitos — o marismo, como agora se diz, e que noutros tempos contava deminuto número de cultores, entre nós — ou até no paladar — como no caso do chewing gum, importado juntamente com a grande parada.

As conseqüências estéticas, morais e sociais desta influência — óbvio se torna dizê-lo — são também incalculáveis. E mais ainda desde que as imagens começaram a falar.

Dirigir metódicamente esta extraordinária força no sentido duma maior elevação moral e material da humanidade, não o consideramos possível. Seria necessário para isso que a produção se encontrasse confiada a artistas e educadores, quando a verdade é que o está a comerciantes. Além disso, o problema tem um carácter universal que o torna, nas condições presentes, insolúvel.

Porém, esta força que não é possível dirigir, pode e deve ser criteriosamente encaminhada. Essa função pertence ao Estado que, por meio dum organismo especial, deveria facilitar a introdução no nosso país da produção cujo efeito pode ser benéfico, criando obstáculos à restante. Não nos referimos, evidentemente, a um organismo de censura, tanto mais que esse já existe, mas sim a uma entidade oficial que tivesse por missão estabelecer o quantitativo dos impostos de exhibição dum filme na razão inversa do seu valor artístico ou educativo.

A ideia oferece, sem dúvida, dificuldades graves de realização. Mas os seus efeitos, se viesse a encontrar uma aplicação justa, traduzir-se-iam, decerto, numa elevação do nível artístico e didáctico da produção exibida. — M. R.

O telégrafo trouxe aqui há algum tempo a notícia sensacional de que Sternberg cortara as relações com os produtores de Hollywood, recusando-se a dirigir a realização de *Venus loira*, e que Marlene Dietrich, solidária com a atitude do famoso realizador, comunicara a sua resolução de não interpretar o filme.

O caso oferece aspectos curiosos que vale a pena relatar. Principalmente porque se trata dum dos raros e simpáticos casos de revolta, ocorridos adentro da rígida disciplina dos

estúdios americanos, contra o espírito medíocre e baixamente industrial dos produtores de filmes.

Sternberg escrevera, de colaboração com Marlene Dietrich, o argumento dum filme a que pôs o nome de *Venus loira*. Oferecido o manuscrito à «Paramount», esta aceitou-o, em princípio, mas, decerto porque fugia aos limites artísticos do director da produção, foi o manuscrito confiado à secção de argumentos onde uma multidão de escritores assalariados o modificou a seu bel-prazer.

Em face disto Sternberg declarou, tranqüi-

artístico de Sternberg saberá triunfar da intransigência dos produtores americanos.

Carl Dreyer, que se consagrou como autor dessa obra admirável que é «A vida de Joana d'Arc», especializou-se últimamente em filmes de ambiente fantástico, género em que tem sido muito apreciado pela crítica estrangeira. Assim, depois de «A estranha aventura de David Grey» realizado o ano passado e que obteve um grande êxito, acaba agora de apresentar em Berlim «O Vampiro», que a imprensa alemã aplaude como um filme de grande classe.

Não se dissiparam ainda por completo os receios dos que temiam a aprovação da lei Dickstein, cuja conseqüência imediata seria o abandono de Hollywood por tôdas as estrelas de nacionalidade estrangeira, a quem seria negado o direito de exercerem a sua profissão. A Câmara ainda não se pronunciou sobre o projecto de lei que tão fundo golpe pode vir a vibrar na indústria cinematográfica americana.

A *partenaire* de Charlot em «Luzes da cidade», aquela linda florista ceguinha mais bela do que artista, vai casar-se. Mas não com o próprio Charlot, como a princípio se fez constar. O escolhido de Virgínia Cherrill é um multi-milionário, um dos homens mais ricos da América.

Charlot foi, mais uma vez, o degrau do êxito...

Para realizar *Atlantida*, o filme baseado no romance de Pierre Benoit que em breve vamos conhecer, Pabst desloca-se com os principais intérpretes até às regiões inóspitas do deserto do Sahará, onde todos os exteriores foram realizados.

Conta êle que no decurso da filmagem, uma única vez, tentou recorrer a artificios. E foi quando se pretendia filmar o terrível *simun* do deserto desfazendo na areia os passos dos viajantes. Mandou vir de Argel dois aviões e era com a corrente de ar produzida pelas hélices que se contava obter êsse efeito. No preciso momento, porém, em que começava a filmar-se a cena levantou-se um autêntico *simun* que pôs em grave risco a caravana e os dois aviões. É claro que os operadores não perderam esta oportunidade e a cena que os leitores em breve verão no *écran* é a reprodução duma autêntica tempestade de areia, em tôda a sua grandiosidade.

Clara Bow anuncia para breve o seu regresso à actividade. Vai interpretar um novo filme para a «Fox», mas insiste na afeição que continua dedicando ao seu marido e ao lar.



MICKEY DANIEL, ARTISTA DAS COMÉDIAS HAL ROACH, VISTO PELO CARICATURISTA AMERICANO BITENCOURT

lamente, que não dirigiria a realização do filme. O resultado foi ser logo suspenso das suas funções, e tentada contra êle uma acção por prejuizos no total de 100.000 dólares.

Logo que teve conhecimento do facto, Marlene Dietrich declarou-se solidária com o seu realizador, sendo por êsse facto também suspenso.

O conflito não teve até agora qualquer solução. Confiamos, porém, que o bom senso

CINEMA

FRISOS
ANIMADOS

UMA dúzia de sorrisos insinuantes, feitos por medida— vinte e quatro pernas de impecável recorte, animadas de movimentos bem ritmados... Eis um friso moderno de *girls*, dêsse que impõem, em filmes como «O Rei do Jazz» ou «Hollywood Review», o encanto da sua graça harmônica.

As *girls* do cinema são, sem contestação, uma admirável invenção americana— a melhor, talvez, que lhes podemos atribuir. É que nunca as *chorus-girls* das revistas londrinas, nem os *ballets* parisienses, haviam atingido essa perfeição rigorosa que as *girls* alcançaram na América. Os americanos descobriram este princípio de incalculável importância: que uma dúzia de pares de pernas não-de interessar sempre mais do que um único par. E daí o condensarem requintes de perfeição nesses grupos de bonecas doces e desarticuladas que dançam para nosso divertimento.

A história das *girls* está intimamente ligada ao nome famoso de Ziegfield, o empresário mundialmente conhecido. Foi ele, de facto, o criador dêsse extraordinários corpos de *girls* que invadiram o mundo. Ziegfield industrializou a beleza feminina de modo inimitável. Analisou-a, quasi cientificamente, como matéria de exibição. E mereceu, largamente, a invejada qualificação de «maior perito de pernas do mundo».

O que Ziegfield fez no teatro, realizou-o Mack Sennett no *écran*. Este admirável inovador criou esse tipo uniforme que se sintetiza num sorriso comercial, numa cabeleira loura e numa indumentária mínima. E este facto há-de bastar para que o seu nome seja recordado durante largos anos.

A tal ponto, Mack Sennett e os seus continuadores levaram a perfeição dêsse frisos de esculturas belezas, que conseguiram tirar a cada uma das figuras que o compõem o seu carácter individual. E assim criaram para os seus corpos de *girls* esse espantoso aspecto colectivo que nos leva a esquecer que detrás daquelas belezas uniformes que se agitam em movimentos iguais e exibem encantos idênticos, existem criaturas distintas que, uma vez terminado o trabalho correm para destinos diferentes, têm preocupações diversas e perseguem, algu-

mas vezes, ambições opostas. Na verdade, porém, quasi sempre em cada uma dessas belezas anônimas há um romance, mais ou menos complexo, e uma existência árdua, que nada tem de invejável. A sua vida, extraordinariamente exaustiva, decorre entre ensaios infundáveis e a mais rigorosa cultura física. Para mais a sua carreira é efêmera. Ser *girl* só é possível durante curto espaço de tempo. Os frisos das esculturas animadas exigem, sempre insaciáveis, mais juventude. É a *girl* de hoje ou se transforma amanhã, pelo poder mágico dum realizador, numa Glória Swanson ou numa Bebe Daniels, ou volta a sumir-se na multidão anônima. Algumas ainda, pouco numerosas, encontram um dia o seu príncipe encantado sob o aspecto vantajoso dum especulador feliz de Wall Street,

quem compete suportar, pacientemente, os nervosismos e maus-humores do ensaiador.

Ser *girl* é a profissão das raparigas ambiciosas. Todas as *girls* esperam que o acaso ou os seus encantos façam um dia incidir sobre elas os olhares dum realizador à procura de intérprete. E animadas por essa esperança, todas procuram chamar sobre si as atenções. Trabalho quasi sempre inútil, visto que todas tentam o mesmo e todas são igualmente belas e jovens.

Mas ainda quando atingem o seu fim, isto é, quando chegam a despertar as atenções, outro perigo espera a pobre *girl*. É que não se lhe perdoa que saia do seu anonimato. Se numa ou noutra cena ela conseguiu— às vezes à custa dos mais inteligentes esforços— colocar-se de forma de nela se concentre durante um fugitivo instante o interesse do espectador, lá estão os censores rigorosos da sala da montagem, cujas tesouras inutilizam, impiedosamente, todo esse diligente trabalho. É a «estréla» que deve prender a atenção do espectador, que deve monopolizar o seu interesse. A montagem contribue para atingir esse resultado suprimindo tudo o que possa ofuscar o seu brilho feito de publicidade. O pavimento das salas de montagem está juncado de ilusões que uma tesourada certa inutilizou para sempre.

Mas como o fim a atingir é o êxito, a *girl* serve-se ainda, em geral, de outros expedientes de hipotética utilidade, e dos quais raras são as que tiram qualquer proveito. Nos seus momentos disponíveis passeia pelos centros mais concorridos da capital dos filmes, procurando todos os pretextos para se aproximar das figuras mais influentes no cinema. Outras vezes almoça no famoso «Henry's», pagando por uma refeição o valor de uma semana de privações só para, durante algum tempo, poder defrontar as individualidades mais conhecidas. E neste caso, toma atitudes teatrais, procura tornar-se notada entre tanta mulher linda que a cerca. Cobre-se de *toilettes* caríssimas, produto de pacientes economias ou dum trabalho imenso. Tudo isto por essa porção efêmera de glória que a tela oferece aos seus eleitos.

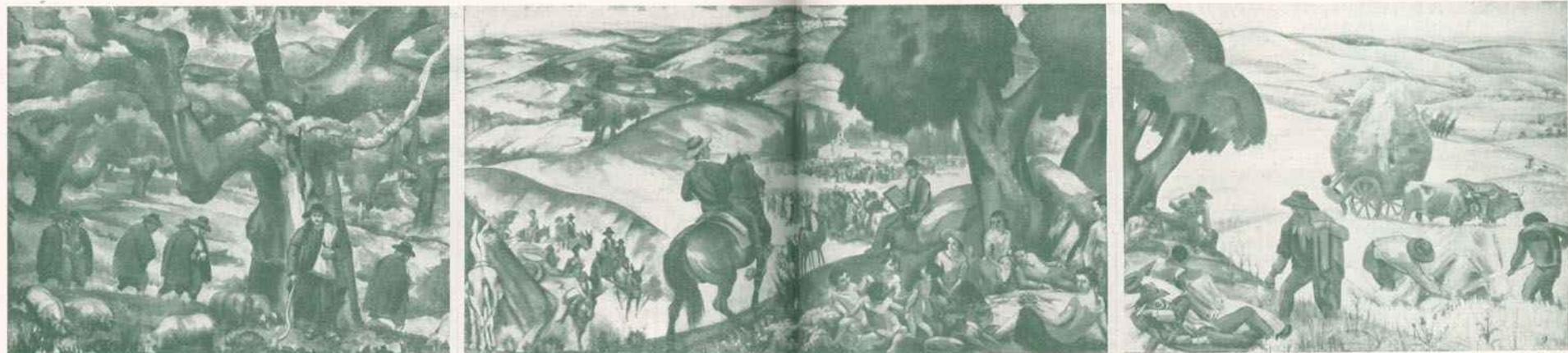
Tal é, pois, dum modo geral, a vida íntima dessas filas de lindas mulheres, que se movem a compasso rigoroso. Embora ingrata e dura essa existência, algumas há que por ela têm ascendido à celebridade. E tanto basta para que todos os dias novas pretendentes surjam, desejosas de se integrar nesse movimento rítmico e de exhibir a maravilha da sua beleza entre tantas outras belezas semelhantes.



PEGGY SHANNON NUMA LINDA MOLDURA DE FLORES

que juntou milhões. Mas sempre a maioria volta à existência modesta donde saíra, tendo perdido as mais queridas ilusões.

De entre as dêsse, quinze ou mais raparigas que formam um corpo de *girls*, é escolhida a que reúne maior número de qualidades recomendáveis— um sorriso mais sedutor e umas pernas mais perfeitas. A essa é confiada a direcção do grupo. Dá-se-lhe na linguagem pitoresca dos estúdios a designação de *capitão*. É ela a responsável pelos sorrisos e pelo ritmo das pernas do seu grupo. É, pois, a



É mais perigoso do que difícil falar de um amigo que tem profissão aparentada com a nossa. Seja embora de escorregadia responsabilidade, quem não deve não teme, tento na palma, toca de dizer o que se sente.

Vamos falar de Dórdio Gomes, o pintor mais exigente, o mais torturado pela consciência de bom acerto, o mais pintor de todos os pintores da sua geração, que são numerosos, e muitos de reconhecida valia. Pouco a pouco e cada qual por sua vez, cá virão parar todos ao apar do desta caneta, porque já os trago nervosamente na ponta da língua, para imparcialmente os justificar, já que Portugal os ignora sistematicamente e tristemente. Mas por hoje, bem parco é o espaço para apregoar o nome do único pintor do Alentejo, mas do grande Alentejo das planícies e montados, que nunca foi visto quanto mais pintado, pelos documentistas pitorescos e anecdóticos, que por lá têm côcoo pormenores engraçados, alguns dos quais com subtis anotações.

Dórdio Gomes, nado e criado em Arraiolos, para cujo livro de memórias gravou em madeira heróicas e valiosas estampas, há meia dúzia de anos que ali se aprisionou num labor incessante de causar espanto ao menos pasmadiço, como freire que em seu convento só vive para Deus — a sua Arte —, depois de longo tempo ter calcuriado terreiros

estranhos, pela França, pela Holanda, pela Itália... Incapaz de uma prostituição ou transigência para mais remunerativo agrado dos bacécos; é de louvar a coragem com que sua pintura brota sem mácula de alindados ou fraquesas, em meio tão pequeno como o nosso, e de assás tucanhô espírito na concepção e resolução dos problemas de arte. Só por isto, bem vistas as condições e as observâncias fatais de rigorismo romântico, o pintor merecia a franca admiração de todos os portugueses que se picam de civilização.

Este artista de máscara teimosia, é intrinsecamente o pintor mais alentejano que nossos olhos tem regalado. Mesmo fora do seu torvão, a sua paleta, a sua retina, o seu coração, estremeceem de alentejanismo saudável. As côres de gamas tristes e angustiosas; dessa paisagem escultural de sobreirais possantes e taciturnos que erguem ao céu os braços desarticulados sustendo colossais ramarias de um verde antigo e enegrecido; as grandes massas laminadas de sol das cearas calmas e extensas como o mar, que de colina em colina, de vaga em vaga, mudam de tom e se fludam até à sensação de distanciarem o firmamento; a variedade de tonalidades griseas e arrugadas das charnecas pensativas, que nos encantam e nos fazem mal à alma, como se essas visões melancólicas fossem a própria saúde, sempre o pintor as leva

DÓRDIO GOMES

O
PINTOR
DO
ALENTEJO



J.M. CIA 1110000 —
A. 1000000 e 1000
100 BAUXO 1110000

nos olhos e no peito de enternecida paixão, para onde quer que vá e a sua arte o atráia. É que Dórdio Gomes é um bárbaro elegíaco, um descontente desejo de perfeição, que jamais se regosija com as descobertas da sua alma. Ambicioso e tenaz, é o poeta anti-retórico da sua província, que numa técnica rude mas sábia e quasi agressiva pela sôma desmesurada de ansiedade, conta, ora em gritos ora em doguras, toda a fatalidade moirisca que paira sobre as terras alentejanas, ou a labuta esfuziante das queimadas e colheitas, em que o homem e os animais atorreados pelas labaredas da luz, sossobram que nem párias batidos pelas insulações e canfenas dessas estépais do diabo. A sua paleta não precisa de fantasiosas habilidades; renegasas até persistentemente. A enternecida comoção e a verdade nua e crua, apoderaram-se dela, e num extravasamento formidável de angustiosa reprodução plástica, tem enchido, enriquecido, vivificado centenas de cartões e painéis, estudos ásperos brochados com arragatão, em que a expressão máxima da paisagem murmura ou berra, em lamentos, carcias, cantigas ou clamores, toda a dor-amor de um artista sincero,

que só pela amargurada criação da sua arte, sobre gostosamente o martírio da sua incompreendida sensibilidade.

Dórdio Gomes perante a natureza que o fascina e espanta, sente a mesma abençoada tortura de incapacidade profissional, que levou Cezanne a ser considerado em França um maníaco impotente, quando ele foi o mestre mais poderoso das gerações que ora vingaram. Como as do genial solitário da Provença, as suas obras parece quedarem-se incompletas, com asperidões de encauchamentos atormentados, com esfrangalhadas pinceladas de afirmação irritante, numa sofreguidão assombrosa de querer atingir em grandes sínteses os panoramas ou imagens grandiosas da terra, proporcionando, sem erro de medida ou valor, a figuração mêmamente episódica com o ambiente, que as reclama como pontos de *rappori* para maior expressividade.

Dórdio Gomes não brinca quando pinta, nem se engana a si nem aos tôlos com geitosas habilidades mercenárias. A sua pintura, viril e recortada, sentida e sofrida profundamente, sem atavios de moça fraldiqueira que anda aos homens, precisa de ser vista, para ser amada com paixão, na própria terra em que nasceu,

no ambiente que a sugeriu e lhe serviu de módelo. Em Lisboa, em Londres ou Nova-York, ela chocará os críticos finos, contundirá a epiderme dos entendedores paposeados, como lôbrega selvagem a explicar-se com as palavras tôdas. Na realidade ela é ultra-civilizada porque é verdadeira e sensível, moderna e pessoal, culta e de formosura saudável, anti-acadêmica, anti-sistemática, anti-mentirosa.

Dórdio Gomes tem predileções por certas côres e certos motivos, porque essas côres e êsses motivos são do Alentejo e da sua emotividade: — sépia queimada, azul prássico, verde húmido, almagre, ocre térreo, ouro velho e prata oxidada, consentem às vezes uma ou outra nota álaere, branco de cal ou vermelho puro, como dissonâncias intencionais para maior realce do desenho valorizado, com que sublinha a bistras as atitudes simultâneas dos contrastes. Na sua arte de aspecto agressivo, a tonalidade geral não sofre uma cuidada vigilância e um apuramento de harmonia nos valores ou nos volumes. É que a composição, e sobretudo a construção dos seus quadros, podendo ferir à primeira vista pelo que de inédito revelam, são de uma solidez sem teatralismos, quando calha um tudo nada infantil, mas sempre proporcionada, harmônica, violenta até à rudeza.

Os seus pastores de ceifões e capote

pinhão; os malteses vestidos côr de azeñho que correm à apanha da azeitona e se entrosam em mantas rajadas; as feiras e caçadas de movimentados recortes; as velhas lendas regionais e quasi bíblicas; os rebanhos, as varas e sobretudo os grandes amotinados de êguas e pôldros, com que o nosso pintor se compraz em compôr difíceis painéis, só de linhas e de *patie* voluptuosa, e onde a sombra dos carvalhos ou sôbros joga com importância a relação entre a côr e os volumes, são tudo motivos maravilhosos da grande decoração que a Câmara Municipal de Arraiolos lhe encomendou, e que o artista concluiu com carinhosos cuidados de profissional.

Essas telas, últimamente expostas nas Belas Artes servem-nos para aplaudir a Comissão Executiva desse Município, que, com poucos recursos soube, pelo seu louvável e raro gesto, dar um grande exemplo, que lastimoso é não seja repetido por outros mais afortunados, já que tantos artistas de outras províncias nem pelos seus conterrâneos são ajudados. Honra e louvor ao município arraiolense!

E a Dórdio Gomes, que no seu modesto atelier de além Tejo, tanta alegria e entusiasmo deu aos viandantes que o topavam em boa hora de trabalho, o abraço fraternal do

C. de Mafamude.



VAl reunir-se em Lisboa, no próximo mês de Setembro, um congresso de gastronomia. Acha-mos bem. É a única maneira da verdadeira cozinha portuguesa tomar na gastro-nomia europeia o

lugar que lhe compete. Um dos congressistas deve ser o sr. Escoffier, autoridade indiscutível e autor de livros de culinária que toda a gente conhece. Pois em *Le guide culinaire*, que Flammarion publica, não há prato à portuguesa que nos não seja absolutamente desconhecido. Todos levam tomate e quasi todos pimentos. Acreditamos que é pela junção dos pimentos com os tomates, o vermelho e o verde que elles conhecem a nacionalidade do pitêu. Resultado: é execrável a tal cozinha à portuguesa, vista de França, e em boa hora venha o congresso para sua completa reabilitação.

ALGUMAS receitas ou a cozinha portuguesa vista da França:

Manteiga à portuguesa.

Pisar num almofariz 3 gemas de ovo cozido com 150 gramas de manteiga e juntar um decilitro de calda de tomate, sal e pimenta. Passar na peneira e juntar uma gôta de carmin se a côr não estiver bem viva. Temperar com sal e pimentinhas do Brasil.

E chama-se a esta ignóbil bodega—manteiga à portuguesa!

O purê português é uma mixórdia que leva 700 gramas de tomate, 10 gr. de açúcar e 200 gr. de manteiga de tomate; o frango tão simples da nossa cozinha aparece mascarado com arroz, calda de tomate e rodeado de 10 meios tomates. Os filetes de vaca à portuguesa são servidos com mólho fãrtaro e tomates recheados; as batatas à portuguesa levam laranja, uvas de Corinto e xarope perfumado; a omelette à portuguesa é coberta de uma colher de massa de tomate. Em volta um cordão de mólho de tomate barrado de manteiga. Tudo isto vem no *Larousse* da culinária que é o livro do sr. Escoffier. Ora por acaso estas mamarrachadas são cozinha à portuguesa? Têm alguma coisa de comum com o que em Portugal de Caminha ao Cabo de Santa Maria e do Cabo da Roca a Marvão se come? Que responda quem puder.

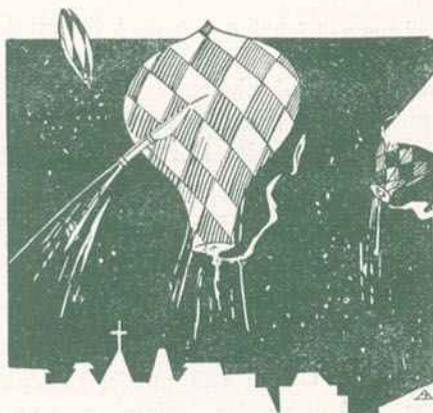
HÁ no volume *Le guide culinaire* uma receita portuguesa que tem carácter histórico. É a do *Faisão à moda de Alcântara*. Esvasia-se o faisão pela frente, recheando-o de bons figados de pato, misturados de quartos de trufas cozidas em vinho do Pôrto. Conserva-se três dias em vinho do Pôrto de maneira que êle fique bem coberto sempre. Coze-se depois numa caçarola. (A receita original diz no espêto, mas na caçarola é melhor). Do

Soliloquios e Comentários

vinho do Pôrto que serviu para ensopar o faisão aproveita-se parte. Junta-se-lhe uma dúzia de trufas, não muito grandes, coloca-se o faisão sôbre as trufas e aquece-se durante dez minutos. Esta última parte da receita pode ser substituída com vantagem pela «à Souwaroff»; o que quer dizer que o faisão e as trufas se colocam n'uma terrina, regam-se com vinho do ensopado e junta-se-lhe caldo gelado de caça com manteiga barrando o faisão. Fecha-se a terrina e leva-se ao forno.

O mais curioso é a nota que acompanha a receita: «Esta fórmula provém do famoso convento de Alcântara. Sabe-se que, no começo da campanha de Portugal, em 1807, a biblioteca do convento foi pilhada pelos soldados de Junot, e que os preciosos manuscritos que êle continha serviram para a preparação de cartuchos.

Ora deu-se o caso que um comissário



da administração militar assistindo a esta operação encontra entre uma coleção de receitas conservada pelos frades esta que aqui damos e que se applicava somente às perdizes. Pareceu-lhe interessante e quando voltou a França, no ano seguinte, enviou-a à Duquesa de Abrantes que a publicou nas suas *Memoórias*. Foi certamente a única coisa aproveitável que os franceses tiraram desta malfadada campanha, diz com infinito espírito o sr. Escoffier, e mostra que o figado gordo e as trufas de tempos imemoriais conhecidos no Languedoc e na Gasconha o eram também conhecidos na Estremadura portuguesa, onde ainda hoje se encontram trufas que não são nada para desprezar.

É foi preciso meter nisso a História para que alguma coisa se aproveitasse.

RUIM he o que em pouca conta se tem; de mim sey dizer que sempre quiz valer, fosse por aqui, ou por aly», escreve Martins Afonso de Miranda em 1600. Penso como êle. Se eu me tenho por insignificante, se eu por acaso penso assim, como demónio podem os outros

ter por mim a consideração que eu sou o primeiro a negar-me?

HÁ nos sonhos muita realidade. É talvez para compensar a parte que na realidade o sonho tem.

HÁ alguns homens que quando o bigode lhes embranquece o deitam abaixo, sendo a única causa dessa decisão, o ter êle embranquecido.

Deixam de ter cara de velhos para passarem a ter cara de velhas.

REVOLVEI a vossa casa, buscai a coisa mais vil de toda ela, e achareis que é a vossa própria alma», prêgou António Vieira.

Podê dizer-se de muitos homens e de quasi todas as mulheres.

A calúnia e o falso testemunho faz endoidecer o sábio.

O sábio e o bruto.

QUE «da calúnia alguma coisa fica», diz o povo. Fica no caluniado o desejo de agarrar quem lhe inventou tão lindas coisas, e atirar com êle, ou com ela, o sexo é indiferente, de um 4.º andar abaixo, pela janela, ou pelo corrimão da escada. Como se vê, não somos exigentes, pois há quem deseje para pôr em prática esta vingancinha, um arranha-céus de Nova York ou a Torre Eiffel. É que nós, além de modestos, somos patriotas, e conhecemos em Lisboa inúmeros prédios aptos para o efeito.

No Sanatório da Ajuda morreu em Março último, tuberculoso, o escultor Tomaz Costa. Ninguém deu por isso. Admiremos a nossa terra e o nosso tempo. Que imenso grau de estupidez não é preciso atingir, que maçissa dóze de indiferença pelos seus artistas não é preciso acumular, para que a morte de um homem como Tomaz Costa passe sem que ninguém dê por tal!

LEIO em Fialho: «Tossindo dez anos, lutando vinte, tendo esperança quarenta, e afinal gastando a vida toda a morrer!» Mas não é essa a vida de meia cidade, a vida dos que não têm automóvel, e só conhecem o bairro das Minhocas e suas adjacências? Pois não tenham dúvidas que Êles um dia hão-de se faltar. E virão reclamar o seu quinhão de direito à vida. A vida que uns puxam toda para si, quasi não deixando aos outros um farrapo para a viver...»

Albino Forjaz de Sampaio.

UM GRANDE ESCULTOR

Tomaz Costa, os seus bustos, as suas estátuas e os seus desenhos. A Arte dum grande artista que notabiliza o seu país

O escultor Tomaz Costa, Tomaz de Figueiredo de Araújo Costa, que morreu esquecido a 27 de Março último no sanatório da Ajuda foi um dos nossos escultores mais ilustres.

Nasceu em S. Tiago de Riba de Ul, concelho de Oliveira de Azemeis, em 1861 e os seus estudos foram feitos na Academia Portuense de Belas Artes com Soares dos Reis, de onde em 1885 saiu como pensionista do Estado para Paris onde completou a sua educação artística com Alexandre Falguière, Antonin Mercièr e L. Marqueste.

Em 1887 expôs no *Salon o Tamborileiro (Danseur au tambourin)* que lhe deu grande aura que foi confirmada plenamente na exposição de Paris de 1889 onde obteve uma 3.ª medalha e que foi adquirida para o Museu de Arte Contemporânea onde se conserva.

Em 1890 o *Salon* acolhia as suas obras *Dr. Melo Viana* (busto) e *David ainda criança*, e em 1891 a sua estátua *Eva*.

Todos êstes trabalhos chamaram sobre o seu nome uma grande notoriedade, grande e merecida pois Tomaz Costa impunha-se como um dos futuros grandes e triunfadores da arte portuguesa.

De então para cá a sua carreira, sem ribombos de réclame, nem trinotroão-

cias de adjectivos, foi tóda uma grande afirmação de talento e de trabalho.

Obteve sucessivamente medalhas de ouro e prata nas exposições de Paris, Barcelona e Rio de Janeiro, 1.ª medalha na Sociedade Nacional de Belas Artes e menção honrosa no *Salon* de Paris.

Fêz o busto de António Nobre que na 2.ª edição de *O Sô* o preferiu aos muitos retratos que tinha, fêz o busto de António Cândido que é uma grande e notável obra de arte, fêz o busto da Condessa do Cartaxo e entre as suas estátuas figuram a do Infante D. Henrique no Pôrto, que foi inaugurada a 19 de Outubro de 1900,



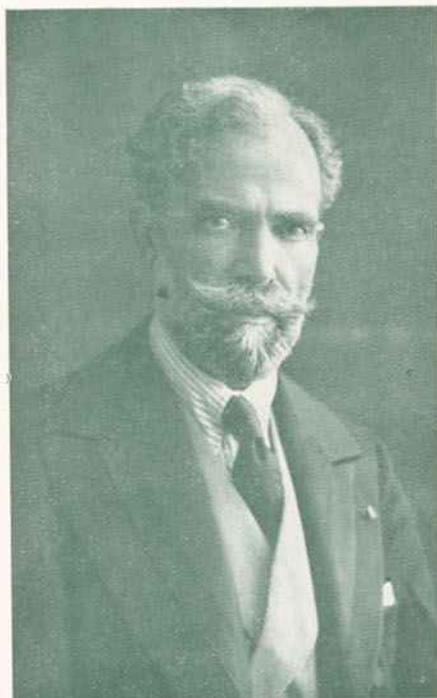
CABEÇA DE MULHER
(Desenho inédito)

tendo sido a primeira pedra lançada por ocasião das festas do centenário henriquino em 1894.

Êste monumento pelo qual o artista foi feito comendador de S. Tiago é dos mais artísticos e interessantes da cidade do Pôrto. Seu é também o monumento ao marechal Duque de Saldanha na praça do mesmo nome em Lisboa, monumento de que em 1904 se lançou a pedra fundamental.

Tomaz Costa tem também um artístico e curioso retrato de Alberto de Oliveira no livro *Palavras loucas* e fêz durante muito tempo pintura, desenhando também como os nossos leitores podem vêr na *Cabeça de mulher* que êste artigo acompanha.

Tomaz Costa concorreu às exposições



TOMAZ COSTA

da Sociedade Nacional de Belas Artes e em 1906 expôs uma estátua de bronze, *David*; em 1913 outras em mármore de Carrara *Hébé*, *Venus Anadiomène* e *República*. Suas são também uma *Cabeça de criança*, *David* e *A Agricultura* com que concorreu à Exposição Nacional do Rio de Janeiro em 1908.

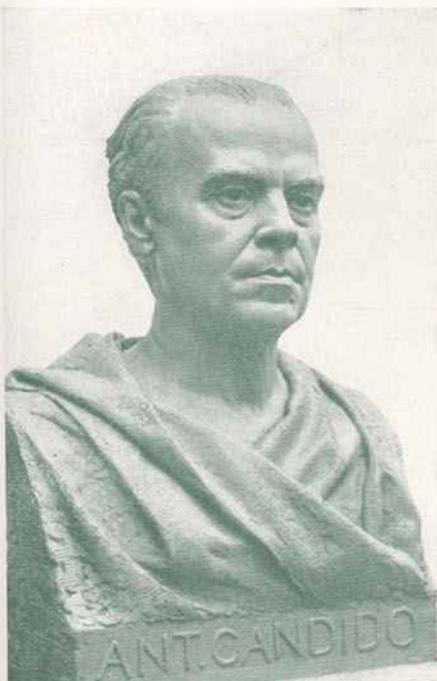
Artista notável, superior, sob todos os pontos de vista porque se encare, Tomaz Costa foi de uma modéstia que assombra.

Não freqüentava jornais, não cortejava críticos, não parava em cafés, não fazia parte de grupos ou *cotteries*.

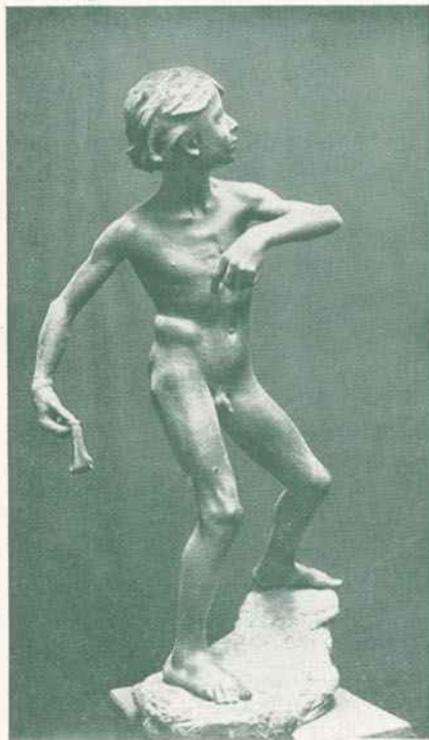
Trabalhou, trabalhou sempre, sem descanso e talvez sem esperança de vir



BUSTO DE MULHER



O BUSTO DO GRANDE ORADOR ANTÓNIO CÂNDIDO

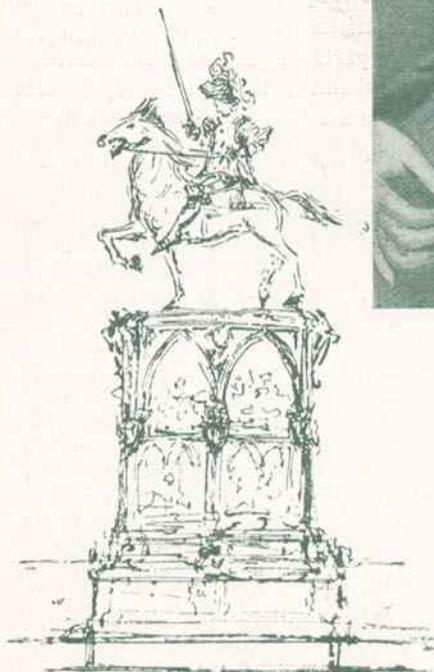


UMA DAS SUAS ESTÁTUAS MAIS CONHECIDAS

a ser bafejado pela Fortuna, éle que morreu esquecido e paupérrimo.

E surpêso devia éle ficar de vêr que alguém se ocupava de si e da sua obra, de si de quem éle talvez já se nem lembrava e da sua obra que a história da arte portuguesa não poderá esquecer.

Tomaz Costa foi um gran-



DESENHO INÉDITO

de, um notabilíssimo artista e a sua obra o proclama.

Foi de resto um artista completo. Fêz óleo, desenhou excelentemente chegando até a expôr nesse género, fêz água forte, e foi o escultor que todos conhecem. Quanto mais não bastasse para o impôr sobejavam o seu busto de António Cândido, busto clássico, com a beleza e a sobriedade de uma forte obra de arte dos melhores tempos de Roma, e o busto do poeta António Nobre, hoje clássico também na iconografia do magnífico e torturado artista de *O Sô*.

Tomaz Costa viveu muito em



A VITÓRIA
(Figura do monumento ao marechal Duque de Saldanha)



CANÇÃO ANTIGA (água-forte)

tempos que correm, éle, o artista notável que o seu nome perpetuou no mármore, nem sempre tivesse o que mais indispensável é à vida.

*

O homem passou. A obra essa fica. E porque assim é, nós lhe prestamos homenagem, uma pequena parte da que em letras eternas o futuro lhe consagrará como a um dos honestos e dos grandes da nossa estatuária.



O BUSTO DO POETA ANTÓNIO NOBRE

Paris, mas o seu temperamento misantropo obrigava-o a ser uma criatura à parte, vivendo entre raros, dando-se pouco, sonhando mais, trabalhando sempre. A sua vida entre nós nos últimos tempos repartia éle entre o seu atelier, na cêrca do Liceu de Camões e um quartinho alugado na Rua de Joaquim Bonifácio. Lutava com inúmeras dificuldades monetárias, orgulhosamente, sem mostrar precisão, mas de crêr era que, nestes duros

O elucidativo documentário cidadão que, pela oportunidade publicamos nesta página, acaba de nos ser enviado pelo antigo

funcionário municipal sr. Raposo Botelho, nosso prezado colaborador e técnico que muito se tem dedicado a estudos de urbanização e melhoramentos de Lisboa.

A HISTORIA DA AVENIDA DA LIBERDADE

era delimitada nos topos, por praças de formas geométricas diferentes — a do sul rectangular, a do norte, circular — antepondo-se a esta última, uma parcela de eminentes terrenos onde, depois, o notável architecto-paisagista francês M. Lussaus, sob dados topográficos de Goullard, traçou um magnífico parque, incluído pela mais custosa gradaria.

Foi no ano de 1879, que arrostando com tódia a arruaça popular, se pôs em execução o rompimento dessa alameda, começando-se por demolir o muro, derrubar as árvores e desmontar os ornatos do antigo Passeio Público, e a seguir — para dar continuidade aos trabalhos por perímetros, onde Eugénio dos Santos já tivera a vidência de esboçar a continuação da Baixa pombalina — foram apeados os edificios dos teatros das Variedades e do Sa-

nesse debate, a escrever: — «Que feliz seria o mundo, tão cheio de infamias, de violências, de crimes, de invejas e de ambições desregradas, se os homens não tivessem só a acusar-se de defeitos?!»

Foi este mesmo Miguel Pais — um dos engenheiros mais notáveis do seu tempo — que publicou, em 1887, um opúsculo intitulado «Melhoramentos de Lisboa», no qual, reforçado por uma representação de mais de oitocentas assinaturas dos nossos homens mais representativos, defendia o ponto de vista do prolongamento da Avenida da Liberdade, até ao já referido planalto formado no tópo do actual Parque Eduardo VII, e alvi-trava estes pontos primordiais de alterações a fazer no projecto primitivamente elaborado pelo Município:

1.º — Prolongar — com a mesma largura — a Avenida da Liberdade, até à estrada da circunvalação antiga.

2.º — Estabelecer, nesse ponto culminante, uma rotunda igual à projectada nas terras de Vale do Pereiro.

3.º — Construir no centro dessa mesma rotunda, o monumento ao Marquês de Pombal.

A justificar estes três acertados alvites, fez as seguintes considerações: — «Se o prolongamento da Avenida da Liberdade até a essa cumeada, se devia efectuar, mesmo quando a cidade terminava na anterior linha de circunvalação, com quanta mais razão o deve ser agora que, pelo actual alargamento de Lisboa, aquela cumeada fica aproximadamente no centro da linha norte-sul que a delimita: o seu fim principal é o engrandecimento da mesma avenida, e para veiculos leves, a inclinação de 0^m,06 não é demasiado violenta. Do referido cume e da respectiva rotunda que se lhe seguir, há saídas para os lados de Campolide, de S. Sebastião da Pedreira e Campo Grande. Basta gozar-se dali o mais esplêndido panorama de

Lisboa e das cumeadas e vales que a cercam, para que deva ser prolongada a Avenida.»

E, para fechar com chave de ouro, este esclarecedor período, conta, com ar profético: — «O meu prezado amigo João Anastácio de Carvalho, disse-me a última vez que falámos sobre este assunto: «o prolongamento da Avenida há-de executar-se por força, não tenha dúvida, se não fôr agora, como deve ser, sel-o-á no futuro.»

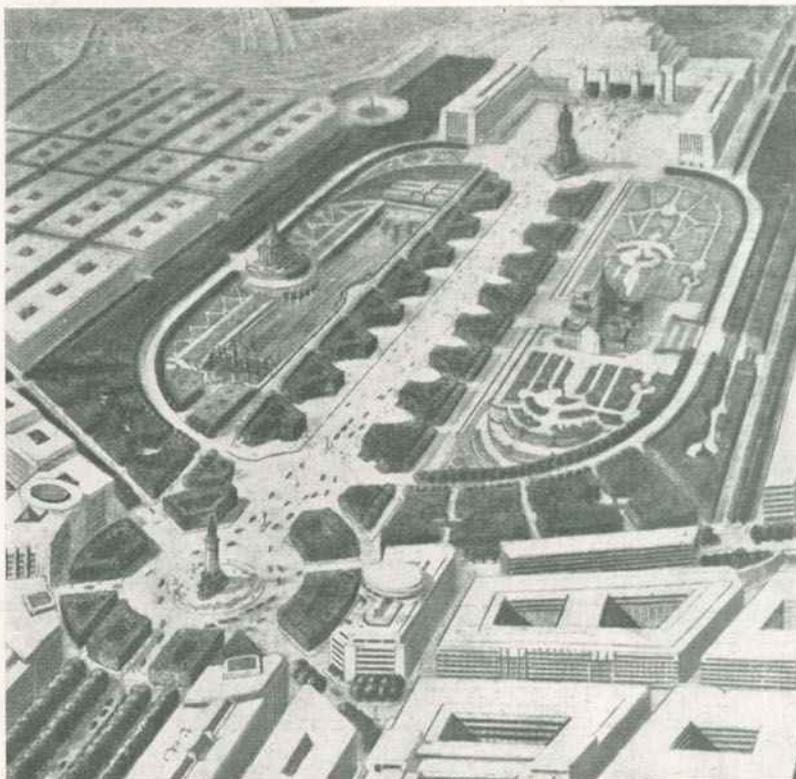
Os fados mais uma vez se cumpriram. Pelo visto, a Domus Municipalis Ulissiponense, obedecendo a um traçado do distinto architecto Cristino da Silva, vai prosseguir esse curso até àquella planalto eminente de Lisboa!

MÁ foi, por certo, a escolha do local, quando se plantou o Passeio Público, obra logo na sua origem incompleta. Os montes, ou eminências de S. Roque, continuando com as alturas da Cotovia, ao poente, e de Santa Ana, ao oriente, deixam, entre as suas faldas, uma nesga de terra, prolongamento do vale em que assenta a formosa cidade baixa. Neste terreno, onde remotamente houve verdes hortas, e em que se nivelou um paralelograma plantado de árvores alinhadas a cordel, e de banquetas de buxo e louro tosquiados, nos intervalos de árvore a árvore, com uma rua larga ao meio, permitindo o trânsito a carruagens a par, fechado de muralhas forradas de heras e de arbustos, rôtas a espacos, com janclas engradadas de varões de ferro, como as duma prisão, e orlado, pelos dois lados, com as paredes de casas, foi onde se constituiu o primeiro jardim público da cidade. Monótono pela sua enfadonha regularidade, destituído de ornamentos próprios, sombrio pelo copado do arvoredo, melancólico pela situação, com o seu aspecto verdadeiramente claustral, mais parece um retiro de monges, do que a desenfastiada diversão dos habitantes duma capital populosa como Lisboa.

Assim se descreveu, há quasi um século, o antigo Passeio Público, pelo qual o injusto alfacinha se amotinou, ao ver o justiceiro camartelo derrui-lo, para, em seu lugar, abrirem a mais bela Avenida de Portugal!

Tão grande melhoramento urbano, que, depois da empresa de Pombal, não foi excedido, deve-se unicamente ao probo Rosa Araújo, o benemérito máximo da cidade, a quem a edificação só agora vai ter a nobreza de preitear, e que, rico era e pobre ficou, por tanto amar Lisboa!

Há pouco mais duns cinqüenta anos, quando se viam à testa dos serviços técnicos municipais, funcionários da envergadura de Ressano Garcia, José Luís Monteiro, Renato Baptista, César dos Santos, António Maria de Avelar, e tantos outros, elaborou-se o traçado duma avenida de noventa metros de largo, com três vias para veiculos e duas ordens de placas ajardinadas, para pões, que



ESTUDO RACIONAL DO PROLONGAMENTO DA AVENIDA DA LIBERDADE, ELABORADO SOBRE NORMAS DO NOTÁVEL URBANISTA FRANCÊS FORESTIER, QUE EM TEMPOS NOS VISITOU, PELO NOSSO MAIS ESPECIALIZADO ARCHITECTO-PAISAGISTA SR. CRISTINO DA SILVA

litre, e alguns dos melhores prédios da Praça da Alegria.

Ainda não tinham decorrido oito anos dessa data inaugural, e já se debatia, com afinco, o importante problema do prolongamento, até um eminentíssimo planalto junto aos muros da antiga Estrada da Circunvalação, da então baptisada Avenida da Liberdade.

A polémica estabelecida nesse momento, no *Diário Popular*, no *Espectro da Granja* e na *Gazeta Commercial* — onde o articulista trocava sempre, com malícia, o nome de Rosa Araújo, pelo de José Gregório, o «Cócó» — foi por tal maneira virolenta e alcívosa, que levou Miguel Carlos Correia Pais, ao envolver-se também,



Duas conferências

O sr. dr. Jaime Cortezão, poeta e historiador distinto, realizou em Madrid, a semana passada, duas conferências subordinadas aos títulos seguintes: «Leis económicas e sociais, Extensão geográfica da ciência náutica» e «A missão universitária dos povos peninsulares».

A primeira — segundo se vê na nossa gravura — foi presidida pelo decano da Universidade Central daquela cidade, sr. D. Manuel Garcia Morente e pelo catedrático da Universidade de História Americana, sr. D. António Ballesteros.



A Feira do Livro

Em pleno Rossio, em volta dum dos seus artísticos lagos, vêem-se, desde quarta-feira passada, trinta e três barracas que vendem livros e que constituem a II Feira do Livro. É um magnífico certame que fica bem na Lisboa moderna, na Lisboa que lê, na Lisboa que se instrui. De entre as barracas — todas elas de formato igual — é justo destacar as que possuem o n.º 22 e 23, já pelo valor dos autores das obras que se vendem, já pelos valiosos prémios que oferecem ao comprador.

Nas compras efectuadas, êstes stands distribuem volumes de alto preço; é certo que alguns do valor de 10 escudos, mas muitos de 50, 100, 300 e até de mil escudos, como, por exemplo, a célebre *História Universal*



de Oaken, que consta já de 18 volumes. Além destes prémios são distribuídas aos compradores senhas numeradas, cujo número será sorteado pela próxima lotaria de Santo António. Aos três números correspondentes aos três primeiros prémios da lotaria saem,

ao primeiro, três mil escudos de livros, à escolha do premiado, ao segundo, mil escudos, e ao terceiro mil escudos.

É um atractivo valioso que incita o nosso público à compra de livros que o instruem e lhes ministra cultura literária.



As hostes do atletismo internacional têm andado seriamente alvoroçadas com os casos escandalosos de profissionalismo averiguado nas mais fulgurantes «estrelas» que iluminam as pistas com suas proezas.

Depois da desclassificação de Ladoumègue pela Federação Francesa, que tantas discussões e críticas provocou, levantou-se na Federação Internacional um caso Nurmi, ainda mais complicado do que o primeiro.

O problema resume-se em poucas palavras: os dirigentes alemães acusaram Nurmi de haver praticado actos de profissionalismo, fornecendo à F. I. A. provas concludentes a tal respeito; convocado, de urgência, o Conselho Director da Internacional, pronunciou este a desclassificação do fenómeno finlandês e transmitiu o «dossier» à Federação Nacional do seu país estipulando-lhe um prazo para continuar a decisão que haviam adoptado.

Mas sucedeu então um caso estranho: a Finlândia precisa de Nurmi para os jogos de Los Angeles e achou duro sacrificar o seu melhor elemento no altar do amadorismo, quando tantos outros igualmente culpados continuam impunes. Nesta ordem de ideias, declarou inocentemente que no «dossier» nada encontrara que justificasse sanção

tão dura e recusou-se a desclassificar o seu corredor.

Só então a Internacional reparou que nos seus estatutos nada havia que lhe permitisse punir os atletas contra a vontade das respectivas Federações, e suspendeu o castigo de Nurmi

desportos

A QUINZENA DESPORTIVA

até ao seu próximo Congresso a efectuar em Los Angeles, com certeza depois dos Jogos, onde o finlandês se apresentará com o immaculado arminho do seu amadorismo insuspeitável.

O mais curioso é que a imprensa francesa volta agora a insistir na necessidade de enviar, de qualquer forma, Ladoumègue aos Estados Unidos, suspendendo-lhe também o castigo até depois da data necessária.

Invocam, para fundamento da alteração do castigo, a nebulosidade que ficou pairando sô-



regime dos encontros bi-semanais não pode encontrar a mínima justificação e representa um lamentável sacrifício imposto aos jogadores, sem haver ponderado como de direito os seus interesses físicos.

O desporto assim praticado deixa de ser um benefício orgânico para representar apenas um factor ruinoso de efeitos nefastos, tanto mais que os rapazes praticando o «foot-ball» são, na sua maioria, operários e trabalhadores de misteres pesados, que não podem recuperar com rapidez o dispêndio considerável de energia correspondente a uma luta de campeonato.

Éis um argumento mais, pugnando pela necessidade de regulamentação oficial do desporto, tantas vezes solicitado de balde. Quando os dirigentes sacrificaram assim o interesse da individualidade a uma necessidade regular, é indispensável que um poder superior possa interferir, lançando o veto sobre todos os jogos que provoquem nos jogadores fadigas condenáveis, porque excessivas.



UMA FASE DO PORTUGAL-FRANÇA EM BASKET, JOGADO EM PARIS

bre determinados factos do campeão e que necessitariam de um suplemento de inquérito. Comédia, tudo uma deliciosa comédia!

Os dirigentes do «foot-ball» português, acorrentados à obrigação de terminar as suas provas oficiais antes do início de Julho, e embaraçados por outro lado no confuso torneio oficial lisboeta, ainda por concluir e sobrepondo-se ao campeonato nacional, resolveram dar fim aos seus torneios efectuando jogos a meio da semana, visto serem insuficientes os domingos disponíveis.

O caso tem passado sem crítica, o que nos causa bastante estranheza. A imprensa desportiva que tanta vez tem levantado seu clamor de protesto contra os excessos dos dirigentes, recebeu este, dos piores, com absoluta serenidade.

Se atendermos à dureza das competições em jôgo, ao esforço já de si violento que representa a disputa de uma partida de «foot-ball» e ainda à época adiantada do ano, o

Inaugurou-se na Avenida da Liberdade, no dia 15 de Maio, o monumento

à Luís Monteiro, o precursor da campanha da educação física e introdutor da ginástica em Portugal. A festa, porque de uma festa particularmente grata a todos os desportistas se tratava, decorreu com grande brilhantismo e provou





O F. C. BARREIRENSE, CAMPEÃO DE LISBOA EM BASKET

quanto se desenvolveu no nosso país o ideal lançado pelo glorioso Luís Monteiro.

Presidiu a cerimónia o sr. Presidente do Ministério, acompanhado pelos srs. Governador Civil e presidente da Câmara Municipal, fazendo-se também representar o sr. general Carmona.

A homenagem prestada desta forma ao homem que foi o apóstolo prégador de uma verdade nova, consagrada pelas mais altas individualidades oficiais do país, revestiu características de uma glorificação nacional que abrange não só a memória de Luís Monteiro, como o princípio inspirador de toda a sua obra.

Fica demonstrado que no espírito dos governantes públicos a educação física e a prática desportiva, que é seu natural complemento, representam um benefício para a raça, digno de apreço e merecedor de apoio.

Infelizmente registamos que as melhores intenções se apresentam muita vez mal interpretadas e resultam ineficazes na prática porque são aplicadas ao sabôr de fantasiosos caprichos. A mocidade portuguesa está necessitando de um método de cultura física activante das energias e não espiritualizador dos músculos.

Se Luís Monteiro tivesse sonhado nos seus tempos de luta que um dia lhe transformavam a ideologia de perfeição física numa gymnástica da alma, quanto não sofreria no seu entusiasmo de precursor a quem deturpam o objectivo.

Oxalá o espírito sublime de Luís Monteiro, consagrado há dias pelos dirigentes do país, lhes ilumine o cérebro levando-os a fornecer à nossa gente moça uma gymnástica que vise mais alguma coisa do que o ensino da marcha, que as crianças portuguesas já executam em regra aos dez meses.

Após o rugby e o basket, terminou também seu torneio regional o hockey, consagrando a

vitória agradável do Club Internacional de Foot-ball.

O Benfica, detentor do título em anos consecutivos desde a criação da prova, foi desta vez apeado do pedestal que já devia considerar como coisa sua. No entanto nenhum dos grupos afirmou vantagem directa sobre o outro, pois no seu único encontro oficial empataram a 1 bola; a classificação final foi decidida pelos resultados com os restantes adversários.

Pode portanto afirmar-se que o velho C. L. F. conquistou os seus louros mercê de uma maior regularidade, terminando o

campeonatos sem sofrer derrota, e apenas com dois empates concedidos ao Benfi ca e ao Barrei reense.



PAAYO AMADOR

NAUMI PROFESSIONAL

O goal-average dos alvi-negros é dos mais notáveis, pois acusa um activo de 36 goals contra um único que lhe foi apontado pelo Sport Lisboa.

Os vermelhos perderam o título deixando-se bater pelo Hockey e pelo Lusio, respectivamente 4.º e 6.º da classificação geral.

Dos desportos em campo apenas o foot-ball não conseguiram ainda arrumar o seu campeonato, que um empate final Sporting-Belenenses obrigou a ser prolongado por mais uma semana.

Uma nova modalidade, o hand-hall, vindo da Alemanha onde gosa uma extraordinária simpatia pública, está ao presente disputando o seu primeiro torneio oficial, que deve concluir para fins de Junho. O facto é aceitável por este ano, visto tratar-se de uma estreia, mas deve de futuro ser evitado iniciando as provas em data mais atrasada.

Durante a quinzena duas apresentações nacionais se foram bater a terras estrangeiras, em basket e hockey em patins de rodas.

O grupo português que concorreu ao campeonato da Europa de hockey em patins, disputado em Inglaterra, inscrevendo-se pela terceira vez, conseguiu resultados agradáveis, falhando inexplicavelmente perante a equippe francesa.

Tendo obtido contra as equipes de Inglaterra e Alemanha, as mais fortes, scores honrosos em que a derrota resultou da escassa diferença de dois e um goal, batendo com acentuada vantagem a Suíça e a Bélgica, a representação portuguesa sofreu da França que só podem ter explicação num descalabro moral.

Devemos regosijar-nos pela forma como agiram os jogadores portugueses, merecendo elogios da critica e sabendo equilibrar-se numa competição de tão grande relêvo. Esperemos que o desporto da patinagem, agora mais movimentado, adquira na nossa terra um desenvolvimento sufficiente para garantir um progresso pela affluencia de jogadores e frequentadores de provas.

O jogo de basket Portugal-França, disputado em Paris, terminou pela vitória do adversário 52-33, descriminados em 24 cestos e 4 livres, contra 15 cestos e 3 livres. Ao fim do primeiro tempo o score de 38-12 contra nós.

Os jornais franceses, embora façam elogiosas referências ao jogo português cuja maior deficiência parece haver sido uma falta de remate, estranham a apatia francesa durante o segundo tempo, totalmente oposta à cadência imposta até então. Esta estranheza acompanha-se mesmo de certo tom de censura, insinuando claramente que durante o intervalo os jogadores tricolores receberam dos seus dirigentes ordem de poupar o marcador.

Salazar Carreira.



O GRUPO DO C. I. DE FOOT-BALL, VENCEDOR NO CAMPEONATO DE LISBOA DE HOCKEY

Concurso Fotográfico
entre Amadores
organizado pela
"ILUSTRAÇÃO"



171 — MARINHEIRO EMBERRE... — (Foto do sr. A. Cunha — Lisboa)



174 — PROCESSÃO DE ALDEIA — (Foto do sr. Mário Silva — Vila Real)



172 — SANTA MARGHERITA ZIGURIA — (Foto do sr. Reis Gonçalves — Lisboa)



175 — CALÇEITEIROS — (Foto do sr. Manuel Alves Sereão — Coimbra)



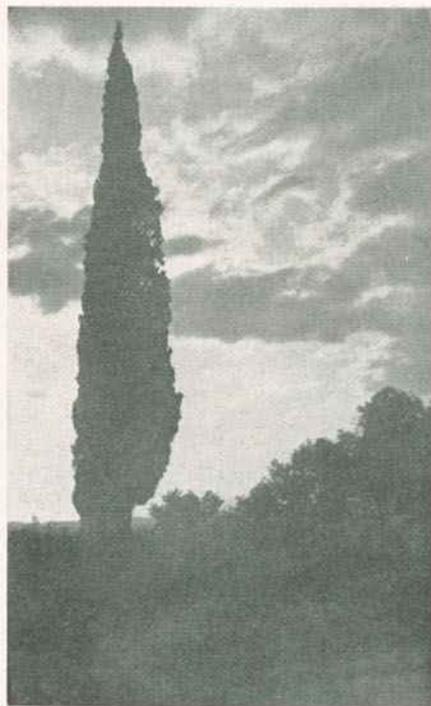
173 — O MEU SOBRIÑO — (Foto do sr. José Thomas da Silva — Lisboa)



176 — RIBEIRA DE S. JOÃO — (Foto da sr.ª D. Maria Helena Pissarra — Lisboa)



177 — BUM! BUM! — (Foto do sr. António Martins — Porto)



178 — CIPRESTE — (Foto do sr. Miguel Ferreira Martins — Lisboa)



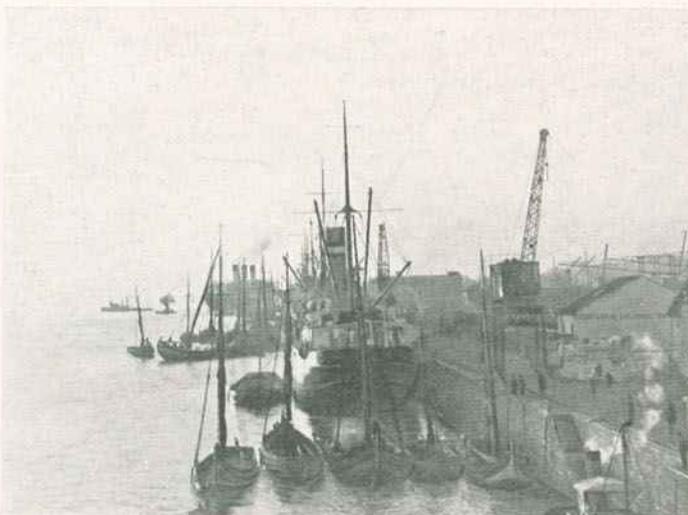
181 — LENDO... COM ATENÇÃO! — (Foto do sr. Humberto Pedro Vieira — Lisboa)



184 — PRETO E BRANCO — (Foto do dr. Silazar Correia — Lisboa)



179 — IDÍLIO INFANTIL — (Foto do sr. Baltazar dos Santos Cordeiro — Lisboa)



182 — CAIS DE ALCANTARA — (Foto do sr. Mário Araújo Serra — Lisboa)



185 — MARINHEIRO DE ÁGUA DOCE — (Foto do sr. Manuel Dias Ferreira — Lisboa)



180 — CALDELAS — (Foto do sr. Alfredo Barbosa — Amaraente)



183 — OS MANOS — (Foto do sr. Guilherme Abranches Pinto — Santa Comba Dão)



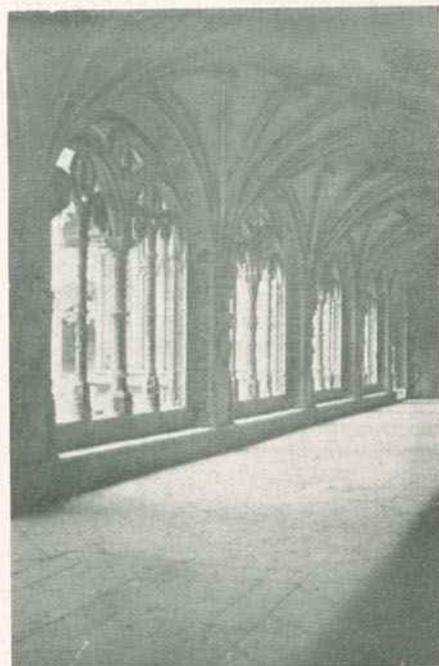
186 — «LA VALLÉE, PRÈS BOULOGNE» — (Foto do sr. José A. Santos — Boulogne-Mer)



187 — UMA VELHINHA COSENDO ROUPA — (Foto do sr. Raúl Lemos — Abrantes)



190 — ARRIBA — (Foto do sr. Manuel Alves Sereno — Coimbra)



193 — CLAUSTRO DOS JERÓNIMOS — (Foto do sr. João Rosa — Lisboa)



188 — NOS VÊS DA CRUZ — (Foto do sr. António Diaz — Covilhã)



191 — ALEGRIA DO MAR — (Foto do sr. José Tomaz da Silva — Lisboa)



194 — UMA EXPRESSÃO DO ZÉ DUAS — (Foto do sr. Fernando Silva Dias — Campo Maior)



189 — BONS AMIGOS... — (Foto do sr. Edgar dos Santos — S. Pedro do Sul)



192 — FRAGMENTO DUM FRISO DE PESCADORES (CARÁVICA) — (Foto da sr.ª D. Marimélia Ribeiro da Fonseca — Lisboa)

Aos concorrentes:

Terminou ontem, 31 de Maio, como dissemos, o prazo para a entrega das provas fotográficas. Temos em nosso poder cerca de mil fotografias que serão publicadas até Dezembro. O sorteio para os prémios far-se-há, como já se anunciou, pela lotaria do Natal.

Entre êles destaca-se um esplêndido **Cine-Kodak**, oferta da afamada **Casa Kodak** que será o 1.º prémio de Originalidade e Perfeição.

Haverá ainda um 1.º prémio, chamado **Prémio da Sorte**, para a fotografia cujo número de publicação seja igual aos três algarismos finais do número contemplado com a Sorte Grande.



CASAMENTO DA SR.^a D. MARIA HELENA SOUSA DE VASCONCELOS E HORTA, COM O SR. DR. RICARDO CORREIA DE MELO, REALIZADO NA PAROQUIAL DO CORAÇÃO DE JESUS. OS NOIVOS SAINDO DA IGREJA

Casamentos

Com grande brillantismo realizou-se na paróquia de S. José, ao Largo da Anunciada, o casamento da sr.^a D. Filipe Henriques de Lancastre (Alcaçovas), gentil filha dos srs. Condes das Alcaçovas, com o sr. Conde de Campo Belo (D. Henrique), filho dos srs. Condes de Campo Belo.

Foram madrinhas as sr.^{as} D. Maria de Lancastre Van-Zeller e D. Maria Henriques de Lancastre de Almeida Garrett, respectivamente tia paterna e irmã da noiva, e padrinhos o pai e o primo do noivo, sr. João de Paiva Faria Leite Brandão.

Celebrou o acto religioso Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Bispo de Beja, D. José Patrício Dias, que antes da missa fez uma brilhante alocução.

O illustre prelado foi acolitado durante a cerimónia pelo prior da freguezia e pelo seu



A SR.^a D. FILIPE HENRIQUES DE LANCASTRE (ALCAÇOVAS) E O SR. CONDE DE CAMPO BELO (D. HENRIQUE), À SAÍDA DA PAROQUIAL DE S. JOSÉ, POR OCASIÃO DO SEU CASAMENTO

VIDA ELEGANTE

secretário. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

As «lavandas» serviram os srs. Conde de Campo Belo, Conde das Alcaçovas e João de Paiva Faria Leite Brandão.

Findo o acto religioso, durante o qual foram executados no côro, por uma orquestra, vários trechos de música sacra, foi servido no palácio dos pais da noiva, à rua Eugénio dos Santos, um finíssimo lanche, seguindo os noivos depois para o seu solar em Vila Nova de Gaia, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas e artísticas prendas.

— Na capela do palacete do sr. Conde de Penalva de Alva, realizou-se no dia 8 do corrente, o casamento de sua gentil filha, D. Maria da Piedade, com o sr. dr. José de Vilhena de Almeida e Vasconcelos, filho da sr.^a D. Monica de Vilhena de Almeida e Vasconcelos e do sr. dr. Fernando de Almeida e Vasconcelos.

— Na paróquia de S. Jorge, em Arroios, realizou-se o casamento da sr.^a D. Antónia Dias da Silva David, interessante filha da sr.^a D. Maria Amélia Dias da Silva David, e do sr. dr. António Henriques David, com o sr. dr. Abel de Moura Pinheiro, filho da sr.^a D. Maria Henriques Pinheiro e do sr. dr. João de Moura Pinheiro.

Serviram de madrinhas a sr.^a D. Alda Maria Dias da Silva, e a mãe do noivo, e de padrinhos o tio da noiva, sr. Alfredo de Oliveira Pires e o pai do noivo.

Terminada a cerimónia religiosa, que foi celebrada pelo reverendo Pio, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, foi servido na residência do tio e padrinho da noiva, sr. Alfredo de Oliveira Pires, à Estefânia, um finíssimo lanche da «Versailles», partindo os noivos depois para o norte do país, onde foram passar a lua de mel, seguindo dali para o estrangeiro.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.

— Acaba de se ajustar oficialmente o casamento da sr.^a D. Marion de Brito e Abreu Craw, gentil filha da sr.^a D. Atanazie de Brito e Abreu Craw e do sr. William Craw, com seu primo o distinto tenente-médico sr. dr. Sebastião de Brito e Abreu, filho da sr.^a D. Maria do Patrocínio Lopes de Brito e Abreu e do sr. Sebastião de Brito e Abreu, já falecidos.

A cerimónia deverá realizar-se no próximo dia 16.

— Realizou-se na paróquia de Santa Izabel o casamento da sr.^a D. Maria Matilde Gomes Nunes Ribeiro, gentil filha da sr.^a D. Cândida Gomes Nunes Ribeiro e do sr. Comandante Nunes Ribeiro, com o distinto engenheiro sr. João Paulo Nazaré de Oliveira, filho da sr.^a D. Carolina Ismael Nazaré de Oliveira e do sr. Manuel Pereira de Oliveira, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

Terminada a cerimónia religiosa, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, à rua Vieira da Silva, um finíssimo lanche.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.



OS NOIVOS, SR.^a D. MARIA MATILDE GOMES NUNES RIBEIRO E SR. ENGENHEIRO JOÃO PAULO NAZARÉ DE OLIVEIRA, À SAÍDA DA PAROQUIAL DE SANTA IZABEL, POR OCASIÃO DO SEU CASAMENTO

— Na paróquia do Coração de Jesus, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Helena Sousa de Vasconcelos e Horta, interessante filha da sr.^a D. Hortense Pinto de Vasconcelos e Horta, com o sr. dr. Rogério Correia de Melo, filho da sr.^a D. Maria da Conceição Costa Correia de Melo e do sr. dr. José Correia de Melo.

Foram madrinha a sr.^a D. Júlia Horta Montez e padrinhos o pai da noiva e os srs. Francisco Paula Leite Pinto, que se fez representar por seu irmão o sr. dr. Luiz Filipe Leite Pinto e António Pereira Montez.

Findo o acto religioso foi servido na elegante residência dos pais da noiva, à rua Gomes Freire, um finíssimo lanche.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

D. Nuno,



CASAMENTO DA SR.^a D. ANTÓNIA DIAS DA SILVA DAVID, COM O SR. DR. ABEL DE MOURA PINHEIRO, REALIZADO NA PAROQUIAL DE S. JORGÉ, EM ARROIOS

MUITA gente ignora ainda o que é a encantadora instituição da Hora de Arte, que se deve ao altíssimo espírito da sr.^a D. Isabel de Ornelas que, entravada e sofrendo uma horrível doença, se preocupava com a educação e civilização do operariado. Eu conhecia, de nome, há muito, a existência desta obra de tão carinhoso humanitarismo, mas uma vida muito cheia de afazeres não me tinha nunca permitido a ida a uma das suas sessões. Há pouco, a convite da sua actual directora, a sr.^a D. Mariana Pimentel, um gentil e cultíssimo espírito de mulher, fui assistir à Hora de Arte e fiquei deliciosamente impressionada. Faz bem ver que há senhoras, que se interessam por obras de subido espírito social e que sabem organizar programas tão completos e interessantes, a que prestam o seu concurso artistas de alto valor, e, onde o elemento feminino está muito bem representado. Eu vou dizer às minhas leitoras o que é, e, para quem é, a Hora de Arte. A Hora de Arte, é uma hora em que se ouve uma curta e interessante conferência, em que a melhor música nos encanta, e, em que se ouvem versos esplêndidos.

A Hora de Arte é dedicada aos operários de Lisboa, e, o espírito que preside a esta obra é o mais simpático possível, é o de cultivar a inteligência do povo e a de educar a sua sensibilidade pela arte e pela literatura. É interessantíssimo ver como os operários, que assiduamente frequentam esta instituição, correspondem com uma intuição artística, com uma compreensão absoluta, e, com uma correcção de maneiras, verdadeiramente fidalga, ao esforço da directora e das pessoas, que tão gentilmente se prestam com o concurso do seu talento, a desenvolver no sentido da perfeição, a educação do operariado de Lisboa. Aquele público de operários de humildes filhos do povo, de trabalhadores, pode servir de exemplo, ao público das «matinées» de cinema onde a mocidade estudiosa da capital oferece o mais triste espectáculo da falta de educação, de espírito e de correcção. Na Hora de Arte a que assisti impressionou-me a atitude de compreensiva atenção que os operários prestaram à interessante e instrutiva palestra do dr. Hernâni Cidade, aos aplausos com que agradeceram os trechos de violino do sr. Garcia Freire sobretudo a Serenata de Schubert, que foi muito bem executada, e,

... Vida Feminina

os belos trechos cantados magistralmente pela sr.^a D. Arminda Correia. Mas a vibração com que foi acolhida a recitação de versos da sr.^a D. Virgínia Vitorino, que recitou com a mais perfeita distinção, versos seus, foi a prova da sensibilidade artística do povo, que soube compreender êsses versos, onde há forma, ideia e pensamento. Os aplausos com que foram sublinhados os mais belos trechos executados pela grande pianista, que é Ma-

quando se realiza a Hora de Arte, e, que frequentando-a, contribuem para a manutenção de uma das mais belas instituições do país, e, por seus olhos verão, a comunhão do povo e da elite, na vibração e sensibilidade, com que a comoção de arte é sentida. É uma obra que interessa a todas as mulheres e que por uma mulher é dirigida.

Maria de Eça.

Orquídeas

É a orquídea de uma beleza extraordinária, uma das flores, que mais variados aspectos toma, e que mais satisfação dá, aos seus cultivadores, e, coleccionadores. A maior e mais rara colecção de orquídeas gigantes, pertence a «Miss» Jane Cossach, de Los Angeles, Califórnia, filha de um milionário. «Miss» Jane dedica-se à cultura da bizarra

flor com um verdadeiro entusiasmo, e, possui alguns exemplares raríssimos, que valem muitos dólares. É uma distração muito interessante e poética, para uma menina, mas bastante dispendiosa, porque para possuir um exemplar de valor gasta-se muito dinheiro. É uma encantadora distração para a filha de um milionário; para quem os dólares não contam absolutamente nada, e, que pode dispendir sem contar, com as suas fantasias e entretenimentos. «Miss» Jane, é também uma linda rapariga, que gosta de se enfeitar, às vezes, com uma das suas preciosas orquídeas.

Modas

ESTAMOS na época dos casamentos, e, é quando mais belas são as festas do casamento. Lá fora quando há um casamento elegante prepara-se à noiva um ambiente de elegância, e distinção, de forma que a sua beleza encontre fundo, que a complete, e, que mais a faça realçar. Damos hoje um grupo de uma elegante noiva parisiense Made-moiselle S. de B. rodeada das suas *demoiselles d'honneur*. O traje da noiva, de uma simplicidade elegantíssima é realçado por muito *tulle* branco que torna a *toilette* muito vaporosa e faz em volta da noiva como que uma nuvem de ilusão. As meninas que a acompanham vestidas em setim branco e com umas graciosas touquinhas em renda branca, completam maravilhosamente e com a maior graciosidade o quadro, em que a beleza da noiva resplandece num meio *chic* e simples como deve ser o de uma noiva de bom gosto e requintada.



dame Revenyk, demonstraram, claramente, o eco que a boa música, encontra na alma popular. Realiza-se esta Hora de Arte, no Asilo de Cegos Feliciano de Castilho, essa simpática obra que proporciona uma vida interessante, aos desgraçados, que sofrem, a mais triste das sortes, o não ver, o que há de belo no mundo. Tenho a certeza que a maioria das minhas leitoras, que muitas vezes saem, sem ter para onde ir, terão o maior prazer em saber que das seis às sete têm onde passar uma hora de deliciosa arte,

Para viagem e para a rua continuam a usar-se os casacos e os vestidos em diagonal de um tão interessante efeito e de um uso tão prático. Damos hoje um lindo modelo de vestido e casaco, que é muito gracioso, tem o casaco uma novidade, que o torna interessante, e, é uma passadeira na gola onde gira presa a *écharpe* que acompanha a *toilette* o que é de um ótimo gosto e muito cómodo porque evita o incómodo de levar a *écharpe* na mão quando se não quere usá-la enrolada ao pescoço. Completa esta bonita *toilette* de viagem ou passeio, um gracioso chapelinho de feltro que é lindo e cómodo pela sua simplicidade. Estas *toilettes* são sempre moda, e, de grande utilidade. São elegantes, têm *chic* e uma senhora assim vestida está bem em toda a parte, do momento que se não trate de uma cerimónia.

O último modelo tem novidade e graça, trata-se de uma saia em pano castanho, uma blusa em seda beije e um pequeno casaco numa fazenda de fantasia beije e castanha. Guarnece o casaco um lindo cinto em couro ou camurça, castanho. O *canotier* em palha grossa castanha, que acompanha a *toilette* é muito bonito e de um belo efeito num rosto jovem e belo.

Não é recomendável este figurino a todas as senhoras. Uma senhora forte em demasia deve evitar usá-la porque engrossa bastante.

É um género de vestir, que fica bem às raparigas muito novas e delgadas. Tem este modelo a vantagem de ser aproveitável para as senhoras, que tenham um antigo casaco de agasalho, que tivesse ficado curto, mas em bom estado, e, que assim, é aproveitado, fazendo um elegante *tailleur*.



De mulher para mulher

Mãe extremosa — Não concordo com a sua opinião, o vestido de primeira comunhão para a sua filhinha deve ser em organdi, ou cambraia. É efectivamente um dia que marca na vida da criança, mas um dia em que o seu espirito se deve elevar em sentimentos espirituais e não em vaidades exteriores. E creio mesmo, caso ela faça a 1.^a comunhão em conjunto com outras crianças, que não admitem vestidos de seda.

Encantadora — Essa é a melhor qualidade que se pode ter. Poucas pessoas se podem gabar de ser encantadoras. Enquanto aos seus sapatos devem ser pretos ou castanhos escuros. O azul da moda é uma cor muito berrante e sapatos nessa cor são de um gosto muito duvidoso.

Maria J. — Fêz muito bem, era mesmo o único caminho a seguir. Não se arrependa. O chapéu deve ser preto, em palha *tagal*.

Simplista — Acho que simplifica demasiado há casos, como esse, que é bom pensar antes de os resolver. Faça esse vestido em *toile* de soie rosa ou lilaz com cinto branco. Na praia ficam muito bem.

A Marquesa de Alorna

D. Leonor de Almeida Portugal de Lorena e Leucaste, 4.^a marquesa de Alorna, condessa de Assumar e de Oyenhausen — em literatura — Aleipe, — viveu nos últimos anos do século XVIII e na primeira metade do século XIX. Apesar da sua agitada vida, tão cheia de infortúnios, Aleipe chegou aos noventa anos. Os seus primeiros anos foram enegrecidos, com a prisão de seu pai D. João de Almeida, encerrado por política, nos lúgubres cárceres da Junqueira, perseguido pelo Marquês de Pombal, na trágica luta, entre o Marquês e a aristocracia. Toda a sua família (sua mãe era uma Távora) sofria o ódio do primeiro ministro. Fechada no convento até aos 18 anos, casou com o conde de Oyenhausen, Hanoveriano que veio para Portugal com o conde reinante de Schaumburg-Lippe, seu primo co-irmão. Com seu marido frequentou a corte feliz de Carlos III, os salões das Tuherias onde contemplou o periclitante trono de Luís XVI e as salas de Madame Necker, onde encontrou pela primeira vez a futura baronesa de Staël. Levada para a corte de Maria Teresa de Austria, então uma das mais brilhantes da Europa, a jovem senhora, a todos conquistou pelo encanto da sua pessoa e pelo seu talento. Mãe de seis crianças, ficou viúva muito nova ainda, e, com poucos meios de fortuna, retirou-se para a sua quinta de Almeirim, onde criou uma escola, para as raparigas do campo, e, escreveu em verso trechos da História de Portugal, para as suas filhas lerem. Quando regressou a Lisboa era ouvida com respeito pela mocidade intelectual. Em 1820 perdeu seu único filho varão, o conde João Ulrico de Oyenhausen, morto



em plena mocidade e viveu ela ainda, 17 anos de saúde. E bem merecem esses anos o desafio que ela lançou ao tempo, na seguinte quadra, refrindo-se ao dia dos seus anos:

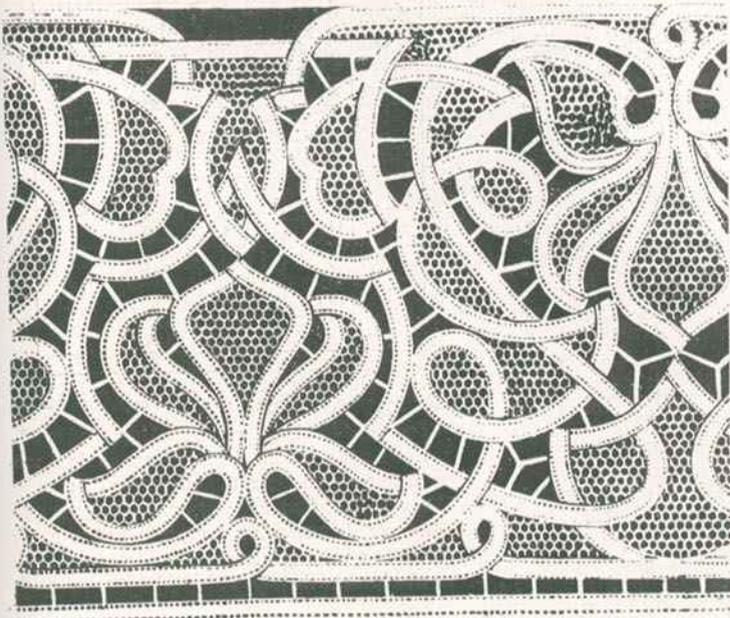
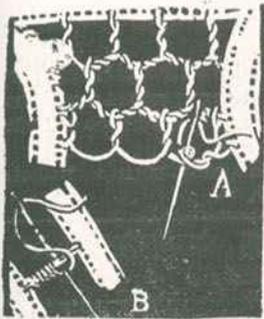
*Dia cruel, no qual ao bem resistes
A memória de uns anos desgraçados,
Ou brilha vencedor de injustos fados,
Ou não tornes a vir como hoje triste...*

As obras poéticas da Marquesa de Alorna são em seis volumes e é admirável a sua fertilidade.

Nos seus versos há um certo amaneirado e frieza, que eram muito da época. Traduziu várias obras poéticas, entre elas, os seis primeiros cantos do *Oberon*, de Wieland. O que não há dúvida é que a sua figura, é uma das mais interessantes daquela época, pelo seu talento, pela sua formosura, e, pelo romanesco da sua vida, que desde a infância a nimbou de uma auréola.

Higiene e beleza

UM dos flagelos da cabeleira feminina é a seborreia gorda. Começa a testa a mostrar-se luzidia e os cabelos a tomarem um aspecto engordurado e feio e a cair abundantemente, tornando-se muito mais pronunciada essa queda no verão. É preciso começar imediatamente a tratar essa doença, porque se, se deixa avançar, em pouco tempo, vem a alopecia, e, nada mais triste e desagradável para uma mulher, do que perder o mais belo ornamento da sua beleza: uma bela cabeleira. O tratamento a fazer é o seguinte: primeiro lavar a cabeça todos os oito dias e quando a queda do cabelo diminuir, de quinze em quinze dias com sabonete Panamá e bálsamo do Perú, é um sabonete medicinal que se vende em todas as farmácias, e, aplicar todas as noites e manhãs a seguinte



te loção: formol, 1 grama; tintura de quilaya, 25 grammas; tintura de jaborandi, 25 grammas; alcoolato de alfazema, 25 grammas; álcool a 90°, 200 grammas. Temos a certeza que seguindo à risca este tratamento o cabelo deixa de cair e readquire a sua primitiva beleza.

Um mistério

EM 1923 com a idade de 91 anos morreu em Senlis, uma mulher misteriosa, que se fazia passar por viúva do conde de La Bonniere, mas só depois da sua morte, se soube a sua história, que é muito interessante. Em 1848 a jovem Eugénia, de 16 anos, veio para Senlis com um casal alemão de apelido Fritsch, e a menina passava por filha deles. Pela sua graça, pela sua beleza, pelo talento com que recitava versos, foi admitida na melhor sociedade de Senlis. Parecia envolta num certo mistério e a gente bem informada, pretendia tê-la encontrado nas Tulherias, afirmando também, que Napoleão III se interessava muito por ela. Quando rebentou a guerra de 1870 os Fritsch tiveram de abandonar a França e voltar para a sua pátria.

Eugénia não os seguiu dizendo que não eram os seus pais, e, que ignorava a que família pertencia. Teve em Paris uma vida aventureira. Freqüentava a melhor sociedade e na rua de Balzac tinha o seu salão, onde, rodeada de senhoras nobres, recebia com distinção salientando-se na maneira como recitava. Quando se falava na sua origem diziam-na muito alta e legítima. O seu passaporte dizia que era nascida em Viena de Austria, filha de pais franceses. Numa vida de luxo, gastou tudo o que o marido, o conde de La Bonniere, lhe deixou. Caiu na miséria e enlouqueceu. Foi internada em Vernon. Quando um parente dos Fritsch soube a sorte da bela Eugénia, indignou-se: «Como o governo francês não tem atenções para essa



senhora? Não lhe dá uma pensão? Não sabe que ela é filha do Duque Reichstadt, do rei de Roma, filho de Napoleão Bonaparte e descendente dos czares austriacos?» Isto passava-se em 1914. Nos fins de Agosto de Senlis, foi invadida pelos alemães, que incendiaram a cidade, e, desapareceram os papéis da desconhecida.

Algum tempo depois da morte da velha senhora, uma agência de heranças recebeu o encargo de descobrir os herdeiros de M.^{me} La Bonniere, enviou a Viena um dos seus mais hábeis agentes,

que trouxe apenas a certeza, que se tratava de uma filha, do pobre Aiglon.

Trabalhos femininos

A moda nos trabalhos é como a moda no vestir, varia sempre. Volta a ser moda, a renda inglesa que durante bastante tempo sofreu o ostracismo, deixando de se fazer e de guarnecer, roupas e vestidos.

Damos hoje um lindo modelo de guarnição, que se pode fazer com *lacet* ou com uma renda estreitinha, que substitui o *lacet*, o que é muito mais elegante e moderno. A maneira de fazer este trabalho é a seguinte: Passa-se o desenho para papel tela do tamanho da guarnição, que se deseja fazer. Cose-se a rendinha dando todas as voltas, que o desenho indica em seguida rematam-se cosendo a ponto imperceptível todas as voltas e cantos e nos sítios em que for necessário passa-se um franziaço que renate bem todas as voltas. Depois começa-se a fazer o ponto. Antigamente na renda inglesa empregava-se uma grande variedade de pontos, agora já assim não é usa-se apenas o ponto a que as rendeiros de Bruxelas, chamam o ponto de tule, e, que faz o fundo das suas rendas, e compreende-se que assim seja, porque usando as rendinhas em vez do *lacet* o fundo deve ser uniforme para fazer sobressair a renda. Dêsse ponto, que deve ser feito com linha própria para a renda, da mais fina, damos o desenho de como deve ser feito, para o tornar mais compreensível às nossas leitoras. Esta renda é útil em tudo, mas torna rica a roupa de seda, que com ela é guarnecida, porque é uma renda, que tem o subido valor de ser feita à mão, e, tem a vantagem de ficar económica e de não ser na realidade muito aborrecida de fazer e executar-se rapidamente.

Pensamentos

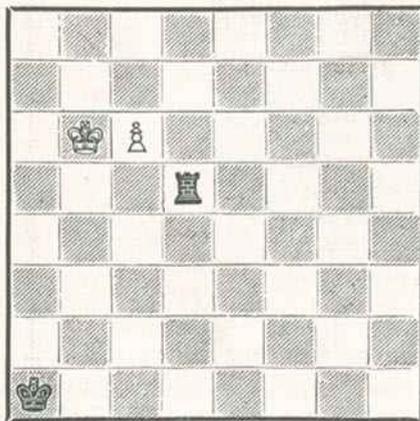
Nem sempre é bom estar em evidência.

O homem nem sempre sabe o que pede.

LA FONTAINE.

XADREZ

PRETAS



BRANCAS

Esta posição de final de jogo, simples como parece, apresenta, no entanto, possibilidades de véras surprecedentes. A continuação óbvia é a seguinte:

1. — P 7 B D
T 3 D ch.
2. — R 5 C D
T 4 D ch.
3. — R 4 C D
T 5 D ch.
4. — R 3 C D
T 6 D ch.
5. — R 2 B D

As Pretas jogavam agora T 5 D.

Se as Brancas fazem Dama com o Peão, as Pretas jogam T 5 B D (ch) obrigando as brancas a jogar D torna T (pate).

Poderão achar uma forma de jogo para as Brancas que as habilitem a deixar de empatar?



PORQUE SE JULGA DE MAU AGOIRO, ABRIR UMA SOMBRINHA DENTRO DE CASA?

Esta superstição, vem do Oriente, onde a sombrinha é considerada uma mascote poderosa, além de ser um dos emblemas de Buddha. Também desde os tempos mais remotos, o docel do Estado — a que a sombrinha se assemelha — tem sido parte da insígnia da realeza e o símbolo do poder. Era um símbolo zelosamente guardado; e qualquer pessoa que levantasse um docel em sua casa — mesmo na forma mais humilde como a de uma sombrinha aberta — não só era responsável de ofender a Buddha, mas também chamada a prestar contas, e com infelizes resultados, por aqueles que tinham direito sagrado a um docel.



FIM DE FESTA

ANEDOTAS

— E quais foram as disposições do testamento de seu tio?

— Que eu ficava herdeiro do remanescente depois do pagamento das suas dívidas.

— Está bem, está bem. Era um bom homem e muito seu amigo. E afinal, o que deixou ele, ao todo?

— Dívidas!



Eduardo: — Que foi feito daquela dama, que tu dizias ser a luz da tua vida?

Abílio: — Houve um intruso, que se meteu entre mim e a luz. Fiquei na sombra.



Entre críticos e artistas:

O ator: — Que lhe pareceu a cena da minha morte, no quarto acto?

O crítico: — Magnífica! O que é pena é não ter sido no primeiro!



A mãe: — Ainda ontem levaste com a chibata, e já hoje tornaste a fazer as mesmas maldades!

O filho: — Isso o que prova, é que a chibata me não faz bem nenhum!



Entre amigas íntimas:

— Não sei como te agrada êsse rapaz, Laura. É tão gastador!

— Mas que me importa a mim que o seja; se gasta quasi tudo comigo?



No quichel duma recebedoria do Estado:

Um contribuinte, ao empregado, que está aborrido na leitura dum jornal:

— O senhor faz favor...

O empregado, decidindo-se a levantar os olhos:

— O senhor tem pouca paciência... Parece-me que, se tivesse outras pessoas adiante, não teria outro remédio senão esperar!...



Ele: — Fu faço-te vêr os defeitos que tens, porque te quero muito.

Ela: — Que disparate! se me quisesses muito, como dizes, os meus defeitos pareciam-te perfeições.



Um dia preguntaram a um cidadão já fora da juventude:

— Porque é que você tem o cabelo branco e a barba preta?

— É porque o cabelo nasceu 20 anos antes da barba!

GRAÇA ALHEIA



Ela: — HÁ QUANTO TEMPO O NÃO VÍ! DESDE A PÂNCOA, NÃO É VERDADE?

Ele: — EFECTIVAMENTE — DESDE QUE V. EX.^a ANDAVA AINDA DE VESTIDOS CURTOS!

BRIDGE

(Solução)

O que mais convém a B é sair pelo Valete de espadas. D pôde deixar a vasa para C ou cobrir com o Rei. Quer num quer noutra caso A terá a mão e fará o Valete de copas e o 10 de espadas.

Começar pela carta baixa de espadas comprometeria o jogo se D tomasse para si a primeira vasa. Neste caso nunca A seria mão e B não faria mais que três vasas.

A saída pelo Az de espadas também não daria o resultado desejado.

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução)

C	A	V	A	A	L	E	A
R	R	I	R	B	E	M	R
I	R	R	O	S	E	A	M
B	I	S	S	A	L	F	E
A	R	A	L	U	C	A	L
L	I	D	A	L			
B	A	T	A	A	I	S	C
A	T	O	O	D	E	A	O
F	E	V	I	E	L	A	A
O	S	E	R	O	L	E	A
T	I	R	O	S	A	M	O

TRANSFORMAÇÃO DE LETRAS

Tem-se desenhado num papel um simples L e trata-se de mudar êste L num N com um traço apenas de lápis. O N deve sêr da mesma altura do L e ficar a direito, mas o traço é que pôde sêr do comprimento que se quiser e dar as voltas que se quizerem, contanto que o lápis se não levante do papel.

Não tem dificuldade nenhuma, quando se sabe o que há a fazer.

PAULINO FERREIRA

: : ENCADERNADOR - DOURADOR : :

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE**CASA FUNDADA EM 1884**Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa**TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS** simples e de luxo**Orçamentos Grátis**Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA
Telefone 2 2074

Saiu a nova edição

**ESTUDOS SOBRE
O CASAMENTO CIVIL**

POR

ALEXANDRE HERCULANO1 volume de 284 paginas / brochado 10\$00
/ encadernado 14\$00

PEDIDOS A

Livraria BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

A' venda a 9.ª edição

DE

Doida de Amor**NOVELA**por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

«Conhece-se através deste livro o psicólogo subtil, penetrante, escrupuloso, exacto, capaz de percorrer quilómetros sobre uma folha de rosa, de explicar em vinte volumes de análise a sombra furtiva de um capricho de mulher».

— Julio Dantas.

1 vol. de 276 pags., brochado

10\$00Encadernado **14\$00**Pedidos à **Livraria Bertrand**

73, Rua Garrett, 75—LISBOA

Estoril-Termas**ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL**

■ ■ ■

**Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulverifi-
cações, etc. — — — — —****FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — — —****MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS**

Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

COLECCÃO FAMILIARVOLUME
BROCHADO

Esc. 7\$00

P. B.VOLUME
ENCADERNADO

Esc. 12\$00

Romances morais proprios para senhoras e meninas

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e a meninas, vem preencher uma lacuna há muito sentida no nosso meio literário.

Nela serão incluídas somente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entrecho romântico sugestivo interesse, oferecem também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrificio, de grandeza de alma, de tudo quanto, numa palavra, deve germinar no espirito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e de seduções, quer, desabrochada em flôr após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãe de família, educadora de filhos e escrínio de virtudes conjugais.

VOLUMES PUBLICADOS:

M. MARYAN**Caminhos da Vida. Em Volta dum Testamento. Pequena Rainha. Dívida de Honra. Casa de Família. Entre Espinhos e Flôres. A Estátua Velada. O Grito da Consciência. Romance de uma herdeira. Pedras Vivas.**

VOLUMES NO PRELO:

Casa sem Porta. A Pupila do Coronel.PEDIDOS A **S. E. PORTUGAL-BRASIL**

Rua da Condessa, 80—LISBOA

A' VENDA EM TODAS
AS BOAS LIVRARIAS

A 2.^a EDIÇÃO

DO

TOLEDO

IMPRESSÕES
E EVOCAÇÕES

por ANTERO DE FIGUEIREDO

1 Volume de 226 páginas
brochado Esc. 10\$00
encadernado » 14\$00

PEDIDOS AOS EDITORES

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75—LISBOA

DICIONÁRIO

DO

Football Associação

ILUSTRADO COM 37 GRAVURAS

Com a apresentação do Dr. Salazar Carreira



Contendo termos técnicos ingleses
e seus equivalentes em português.
Regras do jogo e casos de deslo-
cação

Livro indispensável a todos os amadores
de football

1 vol. enc. com capa a ouro com
cêrca de 100 págs. 7\$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL
— Rua da Condessa, 80, 1.º — Lisboa —

NOVO DICIONÁRIO

DA

LÍNGUA PORTUGUESA

Por CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira, da Real
Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia
de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc.

QUARTA EDIÇÃO

Muito corrigida e copiosamente aumentada.

O Novo Dicionário é o mais actualizado, autorizado e com-
pleto Dicionário da Língua Portuguesa

A aparição do NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA POR-
TUGUESA, em 1900, foi calorosamente saudada pela im-
prensa periódica de Portugal e do Brasil.

Em sessão da Academia das Ciências fêz o elogio da obra
o falecido académico Gonçalves Viana, grande autoridade
portuguesa em assuntos de lingüística; e a principal corpo-
ração literária e científica da vizinha nação, a Real Academia
Espanhola, que raros estrangeiros recebe no seu grémio,
elegu seu sócio o autor do NOVO DICIONÁRIO DA LIN-
GUA PORTUGUESA, aprovada a proposta, feita nesse sen-
tido, pelo famoso escritor e diplomata Juan Valera, pelo
filólogo e senador Daniel de Cortejar e pelo sábio Mir.

Podemos afirmar que o autor, à custa de longas e incal-
culáveis fadigas, conseguiu reunir, em tôdas as esferas da
actividade e do saber humano, cêrca de 130.000 vocábulos
portugueses que ainda não estão registrados nos menos incom-
pletos e menos imperfeitos dicionários da língua pátria.

Um dicionarista conhecido, cuja obra abrange realmente
numerozo vocabulário, ufana-se de que o seu dicionário
abranja 66.000 vocábulos. Acrescente-se a esta cifra mais 53.613
e entrever-se-á que os vocábulos reunidos pelo sr. Dr. Cândido
de Figueiredo no NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA POR-
TUGUESA, abrange nesta nova edição um número que atinge
119.613 vocábulos ou artigos.

2 grossos vol. sólidamente enc. em carneira 250\$00

PEDIDOS A S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80—LISBOA

A' venda a 3.^a edição

DE

ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES

POR

AQUILINO RIBEIRO

«Os descritivos do romance, que muitos são,
insinuando-se-nos alguns na retina como paisa-
gens de mestre, encontram parceiros condignos
nos diálogos que o salpicam e em que é flagrante
a naturalidade.» — César de Frias.

1 vol. de 356 páginas {brochado . . . 12\$00
encadernado . 16\$00

À venda em todas as livrarias

Pedidos á

LIVRARIA BERTRAND

73 Rua Garrett, 75—LISBOA

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA

POR **A. R. Gonçalves Viana**

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional»
e do «Vocabulário Ortográfico e Ortográfico da Língua Portuguesa»)

**Com mais de 100:000 vocábulos, conforme
a ortografia oficial**

EM APÊNDICE: *O acórdão ortográfico entre a Academia
das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.*

1 VOL. COM 664 PÁG., ENCADERNADO, **15\$00**

PEDIDOS À

Livraria BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

Acaba de sair a nova edição

A CATEDRAL

POR **BLASCO IBAÑEZ**

*Um dos mais notáveis livros da literatura
romântica contemporânea em toda a Europa*

1 volume de 338 pags., brochado . . . **10\$00**
encadernado . **14\$00**

PEDIDOS À

Livraria BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

UM DOS MELHORES BRINDES

Biblioteca das Noivas

Organizada por **César de Frias**

O Amor — A Mulher — O Lar

Cada volumezinho, broc. 3\$00

Pedidos à **Livraria Bertrand**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

NOVA EDIÇÃO

Touros de morte

POR **BLASCO IBAÑEZ**

Um dos mais interessantes livros deste autor

1 volume de 384 pags., brochado . . . **10\$00**
encadernado . **14\$00**

PEDIDOS À

Livraria BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc.	8\$00
13\$00; br.	15\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br.	
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII	
— (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR — (2.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc.	
15\$00; br.	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc.	
13\$00; br.	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	1\$50
ELES E ELAS — (4.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc.	
13\$00; br.	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc.	
17\$00; br.	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 volume Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROÍSMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc.	
13\$00; br.	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc.	
15\$00; br.	10\$00
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Con- ferência), 1 fol.	1\$50

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENORIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc.	
13\$00; br.	8\$00
D. RAMÓN DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — 2.ª edição, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc.	
11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc.	
13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

OU À **LIVRARIA BERTRAND**
Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

**O MESTRE POPULAR
OU
O INGLÊS SEM MESTRE**

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura, ao alcance de todas as inteligências e de todas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros
por **JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA**

8.ª EDIÇÃO

1 gr. vol. 560 pág. En. Esc. 30\$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80—LISBOA

**Conselhos
Práticos**

MANEIRA DE
EVITAR A QUE-
DA DAS PENAS
NAS GALINHAS

Para que as galinhas não percam as penas devem ser alimentadas com nabos frescos uma vez por semana, pelo menos. Outro bom processo é o de fazê-las beber um pouco de óleo de ricino, de quinze em quinze dias.

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand, Ltd.ª

Editor: Francisco Amaro

Composto e impresso na tipografia da Sociedade Gráfica Editorial, Rua da Alegria, 30—Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular.	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada).	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada).	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	63\$50	126\$00
(Registada).	—	67\$50	135\$00
Brasil.	—	66\$00	132\$00
(Registada).	—	75\$00	150\$00
Outros países.	—	75\$00	150\$00
(Registada).	—	84\$00	168\$00

Administração—Rua Anchieta, 31, 1.º—Lisboa

Visado pela Comissão de Censura

**Como obter ideias lucidas
e clareza de espírito**

POR
G. VOGT

Manual completo para se vencer a preguiça da inteligência, a falta de energia, a fraqueza de espírito, a falta de memória, etc., etc., segundo os experimentados doutores *Haig, Cantani e Lévi*

1 VOLUME DE 154 PÁGINAS, BROCHADO, 7\$00

PEDIDOS A

Livraria BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

As Minhas Aventuras pela Europa

POR

Charlie Chaplin (CHARLOT)

INTERESSANTÍSSO LIVRO DO POPULAR
A Z DO CINEMA

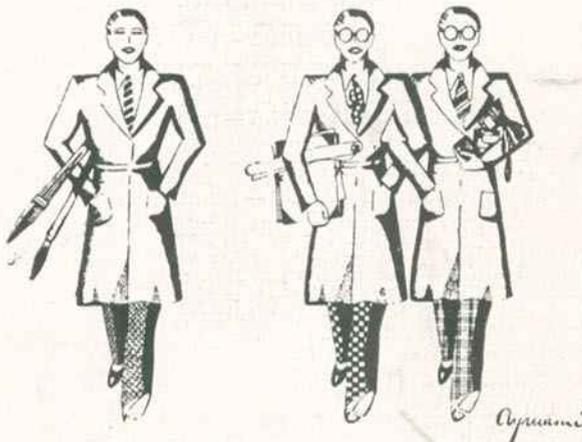
1 volume de 250 páginas brochado 10\$00

À venda em todas as livrarias

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75—LISBOA

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE
2 1368

**BERTRAND
IRMÃOS, L. DA**

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27—LISBOA

Manuel de Sousa Pinto

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

CARICATURISTAS



DESENHOS ESCOLHIDOS

POR

**MANUEL GUSTAVO
BORDALLO PINHEIRO**

1 vol. fol. Edição de luxo, com 90 grandes ilustrações de Bordallo Pinheiro, reproduzidas pela fotogravura, além d'outras inseridas no texto. Impressão a preto e cores sobre papel couché.

art. 40\$00; br. 30\$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80—LISBOA

BOLACHIAS

A GRANDE
M A R C A
PORTUGUESA



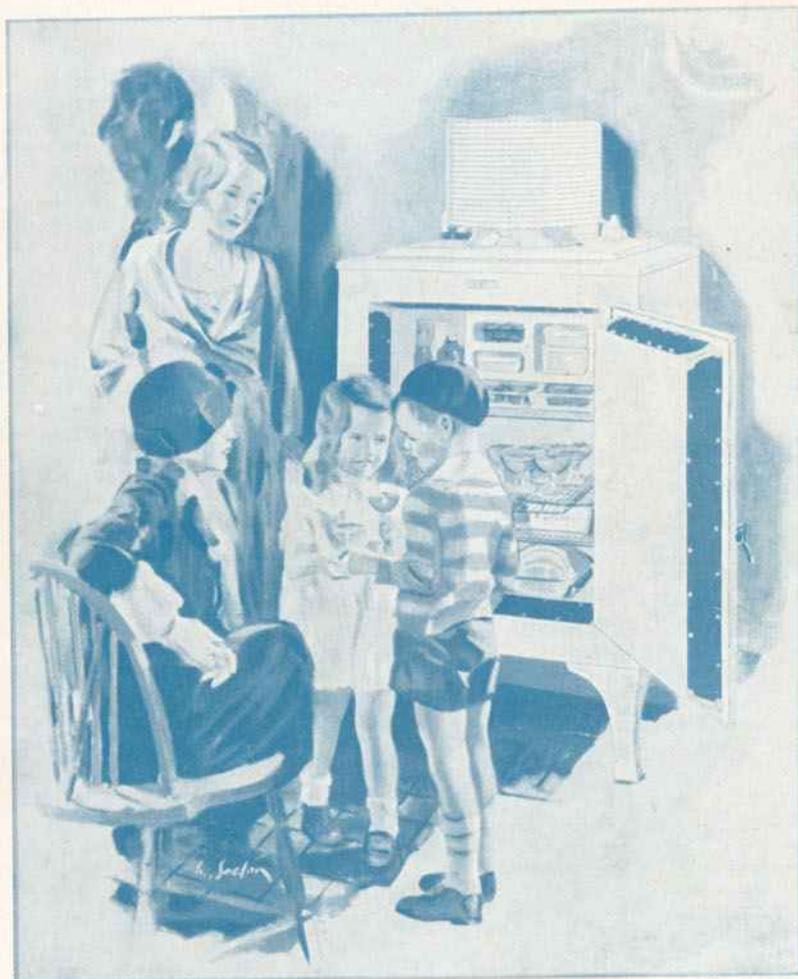
Variadas e
saborosissimas
qualidades

UM UNICO FABRICO
O MELHOR

NACIONAL

Proteja a saude de sua familia instalando
em sua casa um

GENERAL  ELECTRIC
Refrigerator



*A marca GENERAL
ELECTRIC é a me-
lhor garantia de boa
qualidade d'um apa-
relio electrico*

- Os alimentos sempre em perfeito estado de conservação
- Gelo, sorvetes, saladas de fruta, etc.
- O armário frigorífico simplificado
- Uma simples tomada de corrente basta
- O Refrigerator automaticamente fará o resto

Concessionario geral para Portugal e Colonias

Sociedade Iberica de Construções Electricas, L.^{da}

Praça Luiz de Camões, 36, 2.º, Dt.º - LISBOA - Telef. 2 53 47

Visitem a nossa Exposição na

Antiga casa JOSE' ALEXANDRE — Rua Garrett, 8 a 18